

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

RELATOS DE MÃES, RELATOS DE FILHAS:  
O RELACIONAMENTO NA VIDA ADULTA

Kirlla Cristhine Almeida Dornelas

VITÓRIA  
2006

KIRLLA CRISTHINE ALMEIDA DORNELAS

RELATOS DE MÃES, RELATOS DE FILHAS:  
O RELACIONAMENTO NA VIDA ADULTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Agnaldo Garcia.

UFES  
Vitória, Fevereiro de 2006.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

D713r Dornelas, Kirlla Cristhine Almeida, 1974-  
Relatos de mães, relatos de filhas : o relacionamento na vida adulta /  
Kirlla Cristhine Almeida Dornelas. – 2006.  
117 f.

Orientador: Agnaldo Garcia.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,  
Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Mães e filhas. 2. Filhas. 3. Filhos adultos. 4. Amor materno. I.  
Garcia, Agnaldo. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de  
Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

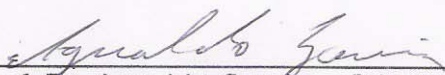
---


RELATOS DE MÃES, RELATOS DE FILHAS:  
O RELACIONAMENTO NA VIDA ADULTA

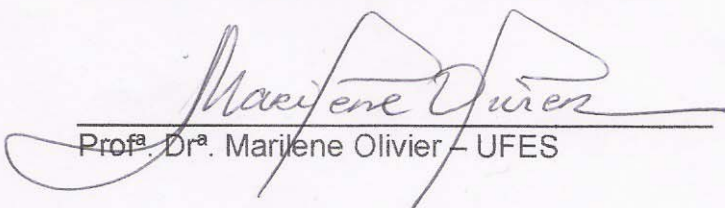
KIRLLA CRISTHINE ALMEIDA DORNELAS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 23 de março de 2006, por

  
Prof. Dr. Agnaldo Garcia – Orientador, UFES

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rosana Suemi Tokumaru - UFES

  
Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marilene Olivier – UFES

À minha mãe, razão e emoção,  
de cada linha de minha vida!

## AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação é uma saga, onde você ganha o título no final, mas é feita com a participação de muitos e, no meu caso, começou muito antes do início do mestrado. Então agradeço:

Fabris, por fazer minha inscrição e pelo carinho de tantos anos.

Chefe/pai/tio Genari, pela generosidade que me permitiu conciliar a minha realidade e o meu sonho.

À banca examinadora, pela aprovação e pelos sorrisos de encorajamento durante a entrevista.

Aos meus colegas de turma, por serem vocês e estarmos juntos; foi a melhor parte disto tudo. Valeu a pena esperar seis anos para conhecê-los!

Ana, Mirian, Daniel, Cláudia, Liana, Thaisa, Alline, Christiane, Flavia, Cida, Sabrine, Érika, Sibelli, Rosário, é um carinho na alma encontrar vocês.

Em especial, ao Bruno, por ser a tradução da amizade e um doce (ironicamente, rs)! Quero estar sempre contigo, irmãozinho.

Catá, minha amiga, de qualquer hora mesmo e qualquer profundidade, que me salvou com a transcrição das fitas. Você foi fundamental para este trabalho como é para minha vida.

Minhas companheiras, que mesmo abandonadas, sempre me contatavam, incentivavam e acreditaram em mim: Maurita, Célita, Fê, Guinha e Ana. Vocês foram meu Norte.

Meu pai, apesar de não compreender o significado dos meus desejos, sempre se mostrou disponível a me ajudar a realizá-los.

Agnaldo, por ter me escolhido e por fazer de relacionamento não somente uma teoria. Às vezes, percebia o seu desespero com a minha ansiedade, meus exageros e “braveza”; mas você nunca perdeu o otimismo. Assim, caminhando, chegamos juntos. Este trabalho é fruto disto.

A todas as mães e filhas que participaram deste trabalho, abrindo suas casas e suas almas. Espero ter conseguido transmitir a emoção que foi tocar em suas vidas. Foi um privilégio conhecer cada uma de vocês.

Minha mãe, por termos nos encontrado e desencontrado tantas vezes, mas sem jamais nos perder. Somos parte da mesma alma.

À Grande Mãe por se manifestar em minha vida e me dar forças para realização deste trabalho.

“Padecemos una especie de subdesarrollo emocional que nos impulsa a ciertas conductas autodestructivas, tanto en nuestra vida pública como en la privada. Nos urge encontrar un camino que nos permita hallar. Una manera de ser más sanos, y esse camino está íntimamente relacionado con el amor y la espiritualidad. El amor es el mejor símbolo de salud del hombre, es todo lo opuesto de la agresión, del miedo y de la paranoia, que a su vez representan la patología que nos desune”.

Claudio Naranjo (Clan, 1984)

## RESUMO

As relações interpessoais estão na base da sociedade e são fundamentais para direcionar nossos comportamentos. O relacionamento entre pais e filhos adultos, especialmente entre mãe e filha adulta, representa uma área recente e ainda pouco investigada. A literatura, ao tratar deste relacionamento complexo, usualmente apresenta uma delas como dependente e a outra como cuidadora. Entretanto, há um momento em que estas duas mulheres compartilham uma condição similar: quando ambas são adultas. O objetivo deste trabalho foi investigar, descrever e analisar o relacionamento entre mães e suas filhas adultas destacando os aspectos que promovem os encontros e desencontros entre elas e a influência do casamento das filhas nas relações com suas mães. Na história do relacionamento entre mãe e filha observamos mudanças que promovem momentos de separação e aproximação, dependência e independência entre elas, o que sofre a influência da família. As atividades compartilhadas e o processo de comunicação, assim como a cooperação, a influência mútua e a percepção que mãe e filha adulta têm do seu relacionamento, são aspectos desses encontros e desencontros. Nesta dinâmica, mãe e filha compartilham similaridades e diferenças, apresentam comportamentos recíprocos e complementares que podem gerar conflitos cuja resolução está associada ao movimento de auto-revelação e privacidade presentes no relacionamento. Finalmente, apesar dos desencontros, mãe e filha procuram valorizar as situações que propiciam a manutenção da relação devido à importância da relação para ambas.

Palavras-chave: Relacionamento. Mãe. Filha adulta.

## **ABSTRACT**

Personal relationships are at the basis of society and are fundamental to direct our behavior. The relationship between parents and adult children, particularly between mother and adult daughter, represents a recent and poorly investigated research area. The literature about this complex relationship usually presents one of them as dependent and the other as a caregiver. However, there is a moment when these two women share a similar condition: when both are adults. This work aimed at investigating, describing and analyzing the relationship between mother and their adult daughters emphasizing the aspects promoting their getting close or getting apart and the influence of the daughters' marriage in their relations with their mothers. In the history of relationship between mother and daughter we observe changes which promote instances of separation and proximity, dependence and independence between them, what is influenced by family. The shared activities and the process of communication, as well as the cooperation, mutual influence and the perception that mother and daughter have of their relationship are related to getting close or getting apart. In this dynamics, mother and daughter share similarities and differences, present reciprocal and complementary behaviors which may give rise to conflicts, whose solution is associated with self-revelation and privacy, present in the relationship. Finally, despite sometimes getting apart, mother and daughter try to emphasize the situations which keep their relationship due to its importance for both.

Keywords: Relationships. Mother. Adult daughter.

# SUMÁRIO

<b>I. INTRODUÇÃO</b>	10
1. O Relacionamento entre Mãe e Filha Adulta – Um Tema de Pesquisa	11
2. O Relacionamento entre Mãe e Filha Adulta – A Literatura Recente	14
2.1 Identidade Feminina	15
2.2 Cuidado Filial	16
2.3 Casamento e Maternidade da Filha	18
2.4 Ambivalência de Sentimentos	19
3. Objetivo	21
4. Metodologia	21
4.1 Participantes	21
4.2 Procedimentos da Coleta de Dados	22
4.3 Instrumento de Pesquisa	23
4.4 Procedimentos da Análise de Dados	24
<b>II. A HISTÓRIA DO RELACIONAMENTO</b>	25
1. Aproximação e Separação	25
2. Dependência e Independência	33
3. Mudanças na Relação	36
<b>III. A FAMÍLIA</b>	40
1. Pai	40
2. Filhos e/ou Irmãos	43
3. Outras Pessoas	45
<b>IV. ATIVIDADES E COMUNICAÇÃO</b>	48
1. Atividades Cotidianas	48
2. A Comunicação	52
2.1 Comunicação na Construção e Manutenção do Relacionamento	53
2.2 Dificuldades na Comunicação	56

<b>V. INFLUÊNCIA SOCIAL E COOPERAÇÃO</b>	60
1. Influência Social	60
2. Cooperação	65
2.1 Modalidades de Cooperação: Ajuda, Opinião e Cumplicidade	66
2.2 Problemas na Cooperação	72
<b>VI. A PERCEPÇÃO DO RELACIONAMENTO</b>	75
1. Amizade e seus Obstáculos	75
2. Admiração e Crítica	81
3. Acertos e Equívocos	85
<b>VII. DIMENSÕES DO RELACIONAMENTO</b>	89
1. Similaridades e Diferenças	89
2. Reciprocidade e Complementaridade	93
3. Conflito Interpessoal	96
4. Auto-revelação e Privacidade	98
<b>VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	102
<b>IX. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	109
<b>APÊNDICES</b>	116

## I. INTRODUÇÃO

A pesquisa sobre relacionamento interpessoal apresentou um desenvolvimento significativo nas últimas décadas. Isto pode ser evidenciado, por exemplo, pela criação de periódicos científicos da área, como o *Journal of Social and Personal Relationships*, no início da década de 80, e o *Personal Relationships*, já na década de 90. Outra indicação histórica do crescimento desta área de pesquisa está na organização de sociedades internacionais dedicadas ao tema, como é o caso da *International Association for Relationship Research*, resultado da fusão de duas sociedades anteriores e que, hoje, já conta com mais de 700 membros em diversos países do mundo.

A área apresenta, por natureza, uma diversidade de temas envolvendo diferentes disciplinas, como Antropologia, Administração, Psiquiatria, Gerontologia, Sociologia e Psicologia Social, entre outras. Apesar do aumento de publicações na área, a contribuição latino-americana, incluindo a brasileira, ainda é pouco expressiva para esta área de pesquisa.

Em uma relação entre duas pessoas, há sentidos compartilhados que se desenvolvem através de experiências mútuas que interferem nas interações futuras. Em adição, há o fato de que as pessoas vivem uma variedade de relacionamentos – com os pais, com os filhos, irmãos, relacionamento amoroso, relação de amizade, com colegas de trabalho, entre outros – que podem influenciar uns aos outros e estes diferentes tipos de relação variam em seu grau de satisfação. Além disso, conforme explicitado por Krappmann (1996), os relacionamentos não dependem somente dos parceiros envolvidos, mas também

das normas sociais, das interações, das mudanças na relação, ou simplesmente, da confirmação dos aspectos da relação. São estes *feedbacks*, entre outros aspectos, que caracterizam o relacionamento como um sistema dinâmico.

Entre os estudos sobre relacionamento interpessoal, três grandes linhas se destacam: os estudos sobre o relacionamento romântico e sexual, os estudos sobre relações de amizade e os estudos sobre o relacionamento entre pais e filhos, neste caso, com uma predominância de investigações realizadas sobre o relacionamento entre a criança e o adolescente e seus pais. O relacionamento entre pais e seus filhos adultos representa uma área recente e ainda pouco investigada na qual se insere a presente pesquisa.

## **1. O RELACIONAMENTO ENTRE MÃE E FILHA ADULTA – UM TEMA DE PESQUISA**

No processo de desenvolvimento humano as relações interpessoais apresentam um importante papel na construção de nosso conhecimento acerca do mundo e da sociedade, seja de ordem afetiva ou cognitiva. Além disto, os relacionamentos estabelecidos são fundamentais para orientar nossos comportamentos. Neste caso, as relações familiares ocupam um lugar de destaque.

A investigação do relacionamento entre pais e filhos tem-se concentrado nos períodos da infância e adolescência dos filhos. Mas, o período de convivência é maior entre indivíduos adultos e, com o aumento da expectativa de vida, pais e filhos passam a conviver por períodos mais longos ainda. Assim, compreender

melhor a relação dos pais com seus filhos adultos representa atualizar este fértil campo de pesquisa.

Os trabalhos de Bengston *et al* (1985) e Rossi e Rossi (1990) (citados por Umberson, 1992) ressaltam três aspectos no relacionamento entre pais e filhos adultos: a satisfação dos pais em conviver, morar perto e manter contato freqüente com seus filhos adultos.

Estudos de diferentes orientações têm procurado entender esta relação, mas, ainda falta uma integração dos resultados encontrados (Luscher & Pillemer, 1998). Além disto, de acordo com estes autores, existe uma tendência de estudar o fenômeno sob a ótica da solidariedade ou do conflito. Este cenário é muito mais complexo e oferece oportunidades variadas na natureza do laço afetivo entre pais e filhos adultos.

Dentro deste contexto ressaltamos a relação entre mãe e filha adulta. Conforme Troll e Fingerman (1996, citados por Fingerman, 2001), a relação parental na fase adulta costuma ser mais forte e duradoura quando se trata de mãe e filha, entretanto pouco sabemos sobre como este relacionamento se constitui (Thompson & Walker, 1984). A dinâmica do relacionamento entre mãe e filha é apresentada da seguinte forma no livro “Mãe-filha: uma relação a três”:

“A mãe tem a seu favor a virtude, a norma social que encoraja as mães a serem verdadeiramente mães, totalmente mães: ante uma mãe “mais mãe do que mulher” só se ouve aprovação, admiração, até compaixão quando o amor nada mais encontra senão a indiferença ou a rejeição dos filhos. De modo que a filha tem contra si o peso dessa norma, que ela teve muito tempo para internalizar em forma do amor por sua mãe, de gratidão, de dependência e, quando tentou escapar, de culpa” (Eliacheff & Heinich, 2004, p.26).

Conforme Yoo (2004), a relação entre mãe e filha é como um ciclo de vários períodos de transição que inclui a adolescência, o casamento e a maternidade da filha e a velhice e a enfermidade da mãe. Estas mudanças têm efeitos para ambas, isto é, os acontecimentos na vida de uma influenciam a vida da outra e vice-versa. Além disto, esta relação apresenta características de apego, intimidade e solidariedade (Khair, 2003; Cicirelli, 1993; Thompson & Walker, 1984).

Os estudos sobre o relacionamento entre mãe e filha adulta estão voltados para um contexto específico. Falta na literatura internacional, uma base mais geral sobre esta relação, através de uma descrição e identificação de suas características, considerando o contexto sócio-econômico e cultural .

Uma mulher pode não ter uma filha, mas todas as filhas têm ou tiveram uma mãe. Por este motivo, compreender esta relação é importante para o desenvolvimento da área de relacionamento interpessoal. Além disto, há um momento em que estas duas mulheres compartilham uma condição similar; ambas são adultas, sem necessidade de cuidados especiais, apresentam interesses próprios e, também, são mãe e filha. Considerando este momento específico pretendemos caracterizar o relacionamento entre mãe e filha adulta, e seus contextos de convergência e divergências.

## **2. RELACIONAMENTO ENTRE MÃE E FILHA ADULTA – A LITERATURA RECENTE**

Muitos estudos têm sido realizados sobre o relacionamento entre mãe e filha. A literatura, contudo, mostra-se desigualmente distribuída entre as diversas fases da vida, enfatizando a relação entre a menina e a mãe na infância e na adolescência, desde a interação mãe-bebê. Parte dos estudos, por outro lado, enfocam a mãe idosa e a filha adulta como cuidadora, numa inversão de papéis (Baruch & Barnett, 1983; Donorfio & Sheehan, 2001; Lang & Brody, 1983; Scharlach, 1987a).

Como área em desenvolvimento, não há uma teoria geral orientadora que contemple o relacionamento interpessoal em sua totalidade, devido à sua complexidade. Diante disto, os estudos sobre o relacionamento enfocam o que as pessoas fazem, o que pensam e sentem sobre suas relações com outras pessoas. Hinde (1997) em uma tentativa de organizar a área reuniu as investigações sobre o tema, que buscam compreender os processos psíquicos envolvidos, em seus aspectos cognitivos, motivacionais e afetivos e não somente as interações. Esta é a organização que orienta o nosso trabalho sobre a relação entre mãe e filha adulta.

Na literatura sobre o relacionamento entre mãe e filha adulta pode-se identificar quatro áreas de investigação: a) a formação da identidade feminina e a influência que sofre do relacionamento entre mãe e filha; b) o cuidado filial que as filhas têm dedicado a suas mães; c) os efeitos do casamento e da maternidade da filha em seu relacionamento com a mãe e, finalmente; d) a ambivalência que

marca a relação entre mãe e filha. A seguir, apresentamos uma visão geral desses trabalhos.

## **2.1 Identidade Feminina**

Mãe e filha compartilham a especificidade de ambas serem mulheres. Diante disto, o desenvolvimento do relacionamento entre elas e a satisfação com a relação são marcados pela forma como mãe e filha compartilham esta semelhança básica.

Segundo Chodorow (2002), as mulheres mantêm a identificação com a mãe ao longo da vida. Por ela ser a primeira cuidadora, oferecendo à filha a primeira impressão do que é ser mulher. Ou seja, na vivência do relacionamento entre elas, a identidade é construída. Já segundo Einchenbaum e Orbach (1983), a mãe se identificaria com a filha por partilharem do mesmo gênero e projetaria seus sentimentos buscando a sua realização através das conquistas filiais. Conforme Miller (1986a e 1986b, citado por Boyd, 1989), a formação da identidade feminina é diferente da masculina porque a mulher organiza sua identidade em torno da afiliação e reciprocidade nos relacionamentos. Através da identificação com a mãe, a mulher aprende o valor dos relacionamentos e define seus autoconceitos sobre seus relacionamentos com os outros (Gilligan, 1982, citado por Boyd, 1989).

De acordo Frank, Avery e Laman (1988), para mãe e filha é mais difícil quebrar os laços interpessoais e intrapsíquicos entre elas, do que para pai e filho, por exemplo. Devemos lembrar que, historicamente, as mulheres são

responsáveis pelo campo privado, os cuidados com a família e a perpetuação destes laços. Isto permite que a relação entre mãe e filha promova uma identificação emocional, mas também de papéis. Para a filha, “essa outra [a mãe] é também sua semelhante” (Eliacheff & Heinich, 2004). A proximidade entre mãe e filha possibilita uma valorização das outras relações familiares.

Manterem-se próximas ajuda as mulheres a compreender as semelhanças e diferenças entre elas, seus papéis sociais e a feminilidade, de acordo com a cultura e o período sócio-histórico em que estas interações se dão. Diante disto, o desenvolvimento da percepção do “feminino” parece estar atrelado ao papel de mãe e filha e suas interações.

## **2.2 Cuidado Filial**

A construção das relações familiares parece marcada pela dependência. Inicialmente, a criança precisa de apoio para o seu desenvolvimento. Segue-se um período de autonomia para ambas as partes e, finalmente, ocorre a inversão, quando os pais não têm mais condições de se cuidarem sozinhos e os filhos passam, então, a ocupar a função de cuidador.

Ajudar os pais idosos é uma obrigação e responsabilidade dos filhos adultos, ressalta Cicirelli (1993), ou seja, é o comportamento esperado pela sociedade. Contudo, o autor sugere que há outros aspectos motivacionais mediadores desta relação de ajuda, como o sentimento de apego (Bowlby, 1989). Cicirelli (1993) argumenta que “o apego e a obrigação têm efeitos opostos na sobrecarga emocional do cuidador, com a obrigação há o aumento desta

sensação e com o apego isto decresce” (p.153). Segundo Walker et al. (1989 e 1990, citado por Cicirelli, 1993), a maior parte das mães e filhas relatam diferentes motivos para o comportamento de cuidadora, tais como: afeição, proximidade e satisfação.

Quando a mãe torna-se idosa, novamente se estabelece a assimetria, o que representa um problema, pois o indivíduo adulto necessita manter o seu senso de independência e isto é impossível se os pais se tornam dependentes, causando sentimentos conflitantes nos filhos (Thompson & Walker, 1984). Aliado a isto, o tempo disponível para a atenção necessária à mãe variará conforme as responsabilidades da vida adulta da filha. Por exemplo, Lang e Brody (1983) indicam que as filhas casadas dispensam menos atenção e cuidados com a mãe do que as filhas sem trabalho ou solteiras. A distância geográfica é algo que também interfere nesta atenção (Dewit, Burch & Wister, 1988). Os diversos papéis que a mulher moderna desempenha podem gerar sentimentos de culpa e ressentimentos, sendo que esta tensão pode levá-la a sentir-se pouco satisfeita com a qualidade da relação que mantém com a mãe (Goode, 1960, citado por Scharlach, 1987).

Até aqui relatamos que os custos podem ser significativos quando a filha tem que assumir os cuidados com a mãe. Walker e Allen (1991), contudo, indicam que também pode haver ganhos neste tipo de relação, desde que esta seja harmoniosa. Acompanhando esta linha de raciocínio, Cantor e Hirshorn (1989) e Walker, Shin e Bird (1990), ambos citados por Donorfio e Sheehan (2001), acrescentam que “para algumas mães e filhas esta situação [da filha como cuidadora] oferece a oportunidade de trabalharem a relação” (p.39).

O cuidado que as filhas adultas dedicam a suas mães em processo de envelhecimento representa uma sub-área dos estudos sobre o relacionamento entre mãe e filha que tem despertado a atenção especialmente de pesquisadores e profissionais ligados à Gerontologia, cujos avanços tem contribuído para o prolongamento da vida humana. Tal interesse é plenamente justificado levando-se em conta que o relacionamento interpessoal é um pré-requisito fundamental para a qualidade de vida das pessoas.

### **2.3 Casamento e Maternidade da Filha**

Tornar-se adulto traz diversas transformações e uma das mudanças possíveis é o casamento, seguido, pelo nascimento de filhos. Isto traz novos elementos na constituição familiar que interferem na relação entre mãe e filha adulta.

O casamento da filha promove uma reorganização da estrutura familiar, quando o relacionamento entre mãe e filha pode tanto se fortalecer quanto se enfraquecer com esta mudança (Sutor, 1987). De modo geral, mãe e filha parecem valorizar ainda mais a relação diante da gravidez da filha.

O trabalho mais significativo sobre este tema foi realizado em 1981 por Fischer, que trata do casamento, da primeira gravidez da filha e da reorganização da relação entre mãe e filha. Com estes acontecimentos, a filha afirma-se como adulta, deixando de ser um complemento da mãe para desempenhar ativamente um papel social. Apesar da diversidade de papéis da vida adulta das mulheres,

segundo a autora, o casamento da filha e sua maternidade são os marcos mais importantes para o relacionamento entre mãe e filha adulta.

Neste contexto, o fato de ser mãe parece aproximar as duas. Porque, nesta situação, elas ocupam uma posição similar e a filha costuma fazer uma retrospectiva da relação entre elas, tornando-se capaz de entender o ponto de vista materno. Embora nem sempre se perceber parecida com a mãe seja um sentimento agradável (Fischer, 1981): “Mãe e filha reavaliam uma a outra e ao mesmo tempo tornam-se mais envolvidas na vida da outra” (p.621) quando se deparam com esta nova estrutura familiar.

A conexão entre mãe e filha é forte, ainda assim o casamento e a maternidade da filha oferecem oportunidades de fortalecimento e reconhecimento entre elas. Diante disto, o relacionamento parece ganhar novos significados e trazem novos elementos, como: a sogra, o genro, neto (a), a vovó, ou seja, novos papéis são integrados à relação.

## **2.4 Ambivalência de Sentimentos**

Apesar dos aspectos até aqui apresentados mostrarem o relacionamento entre mãe e filha adulta como uma relação positiva, nesta relação também existem sentimentos negativos.

A coexistência de sentimentos positivos e negativos pode promover situações de conflitos, mas, de acordo com Luescher e Pillemer (1998), mãe e filha evitam expressar o que as incomodam para proteger a relação. Segundo Fingerman (1995), sentir emoções ambivalentes é normal quando se trata da

relação entre mãe e filha, mas as discussões sobre os sentimentos negativos não são comuns neste relacionamento. Por exemplo, as mães, muitas vezes, sentem-se excluídas da vida das filhas quando estas se tornam adultas. Por outro lado, as filhas consideram que as mães são intrusivas ao darem conselhos que não foram solicitados, por exemplo, na educação dos filhos (Fingerman, 1996). Mas, isto não é expresso diretamente uma para a outra.

Mesmo considerando que há diferenças na maneira de conduzir a relação que causam transtornos para o relacionamento, as filhas evitam o conflito. Já as mães nem percebem a sua existência, pois tendem a valorizar os pontos de similaridade na díade (Lefkowitz & Fingerman, 2003). Então, as mães possuem sentimentos mais positivos desta relação e as filhas se esforçam para a manutenção da relação, pois o que suas mães pensam sobre suas filhas e o relacionamento têm impacto na percepção das filhas sobre si mesmas (Fingerman, 1995).

Mesmo vivenciando emoções conflitantes, à medida que a filha torna-se mais velha, há uma tendência de buscar a proximidade materna e valorizar ainda mais esta relação, argumentam Lefkowitz e Fingerman (2003). Segundo as autoras, a qualidade desta relação é importante para a manutenção das relações familiares como um todo.

Contemplar a complexidade do relacionamento entre mãe e filha envolve aspectos positivos e negativos, muitas vezes ocorrendo ao mesmo tempo, com impacto nos encontros e desencontros experimentados por mãe e filha adulta ao se relacionarem.

### **3. OBJETIVO**

Este trabalho tem como objetivo investigar, descrever e analisar o relacionamento entre mães e suas filhas adultas em seus aspectos convergentes e divergentes. Busca ainda verificar se o casamento das filhas interfere nas interações entre mãe e filha adulta e contribuir para a ampliação da temática de relacionamento interpessoal no Brasil.

### **4. METODOLOGIA**

#### **4.1 Participantes**

Participaram da pesquisa 18 mulheres, sendo nove filhas e nove mães. As filhas têm entre 25 e 35 anos, com curso superior concluído, exercendo atividade profissional remunerada, residentes na Grande Vitória. As mães têm entre 45 e 65 anos, alfabetizadas, escolaridade variada entre ensino fundamental e curso superior, exercendo ou não atividade profissional remunerada, residentes na Grande Vitória.

Os participantes foram divididos em dois grupos. O primeiro grupo incluiu oito participantes, sendo quatro filhas casadas (há, pelo menos, um ano) e suas respectivas mães. Neste grupo, as filhas não residiam com suas mães e não tinham filhos. O segundo grupo incluiu dez participantes, sendo cinco mulheres solteiras e suas respectivas mães. Neste grupo, as filhas residiam com suas mães e também não tinham filhos.

Os participantes foram indicados por pessoas ligadas ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Foram excluídas mães e filhas adultas que necessitam de cuidados especiais.

#### **4.2 Procedimento de Coleta de Dados**

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, as quais foram gravadas e transcritas na íntegra. As entrevistas foram realizadas entre abril e maio de 2005, em local previamente combinado, na casa ou no ambiente de trabalho das entrevistadas, de acordo com a sua preferência. Antes da realização das entrevistas, todas assinaram o termo de consentimento para participação na pesquisa, conforme Apêndice B.

Esta seguiu o roteiro pré-estabelecido que visava facilitar às entrevistadas falar abertamente sobre o relacionamento entre mãe e filha, comentando as interações, mas também expressando o que pensam sobre como vivem a relação.

Acreditamos que as participantes, ao lembrar os acontecimentos entre mãe e filha, contribuam para descrever como a relacionamento é neste momento específico da vida adulta de ambas, refletindo como esta é vivida por cada uma e pela díade.

### 4.3 Instrumento de Pesquisa

A entrevista seguiu um roteiro pré-estabelecido (Apêndice A) cujos pontos principais são:

1) História do relacionamento entre mãe e filha - Neste ponto, foram abordados aspectos do desenvolvimento da relação entre elas, desde o período da infância, passando pelos acontecimentos da adolescência até os momentos marcantes da vida adulta, deixando as participantes à vontade para elaborar o tema. Este item visou obter algumas informações históricas sobre o relacionamento, especialmente no tocante às convergências e divergências entre elas e expectativas quanto ao relacionamento futuro.

2) Família - Investigação sobre como os demais familiares influenciam o relacionamento.

3) Cotidiano do relacionamento entre mãe e filha - Este item visou conhecer aspectos da convivência entre as duas, incluindo as atividades em comum, o tempo que passam juntas, as conversas partilhadas, as trocas de conselhos e sugestões ou informações, a existência de segredos e os valores compartilhados.

4) Percepção do relacionamento entre mãe e filha - Neste tópico, foi investigado como mãe e filha percebem uma à outra, assim como o relacionamento entre elas. Foram pesquisados os lados positivo e negativo da relação, as semelhanças e diferenças entre as duas, os conflitos e suas estratégias de resolução.

#### 4.4 Procedimento de Análise de Dados

Os dados foram analisados de forma qualitativa, tendo o conteúdo das respostas sido organizado de acordo com categorias pré-estabelecidas (indicadas abaixo). Dentro de cada uma destas categorias, foram propostas sub-categorias definidas de modo indutivo a partir do conteúdo das entrevistas. A apresentação numérica das respostas emitidas são referências para identificação das categorias e sub-categorias.

As categorias identificadas foram organizadas dando origem a seis capítulos: a) história do relacionamento, b) família; c) atividades e comunicação; d) influência social e cooperação; e) percepção (da relação entre mãe e filha e do outro); e, f) dimensões do relacionamento. Neste último capítulo, foram discutidas as seguintes dimensões (conforme propostas por Hinde, 1997): similaridades e diferenças, reciprocidade e complementaridade, auto-revelação e privacidade, conflito interpessoal. Entre as características citadas pelo autor dentro destas dimensões, ressaltamos a proximidade compartilhada pelas participantes, a interdependência entre elas, a existência de confiança e as estratégias de resolução de conflitos.

Em todos os capítulos, procurou-se indicar as características existentes no relacionamento entre mãe e filha adulta e como estas contribuem (ou convergências) e dificultam (ou divergências) a relação entre elas.

## **II. A HISTÓRIA DO RELACIONAMENTO**

As relações parentais apresentam algumas transformações. Inicialmente, trata-se de uma relação adulto-bebê que avança para uma díade adulto-criança, até chegar a um período de relacionamento mais simétrico, entre adultos. Partindo de uma relação entre um adulto e uma criança (ou adolescente), torna-se o encontro de um adulto com outro adulto. O relacionamento entre mãe e filha adulta é, basicamente, resultado desse desenvolvimento histórico e do contexto atual, social e ambiental. Nesse processo, percebemos que alguns aspectos se modificam ao longo da relação e interferem na maneira que mãe e filha adulta percebem a si mesmas e o relacionamento.

Pode-se entender o relacionamento entre mãe e filha como uma história de encontros e desencontros, de aproximação e separação, independência e dependência, de mudanças na relação de acordo com os desejos e expectativas dos participantes.

### **1. APROXIMAÇÃO E SEPARAÇÃO**

Desde o nascimento, mãe e filha estão próximas. À medida que a filha cresce, ela descobre novas referências que a separam da mãe, em um primeiro momento. Todavia, se elas conseguem se adequar às mudanças na relação, mãe e filha se reaproximam.

A separação é um aspecto da autonomia decorrente da dinâmica de desenvolvimento humano, ou seja, o sujeito se torna capaz de se reconhecer

como único e experimentar suas próprias escolhas. À medida que mãe e filha interagem, cria-se um espaço de desenvolvimento de conceitos próprios, aliados aos valores da família, compartilhados por elas.

As mães e suas filhas adultas disseram que, em certo momento, a configuração da relação se modificou, ou seja, as mães perceberam que as filhas buscavam caminhos próprios e as filhas perceberam que tinham interesses que não seriam satisfeitos no ambiente privado e familiar representado pela mãe. Portanto, a filha passa a buscar suporte em outras relações e em outros espaços fora do âmbito familiar. Não são somente as filhas que se desprendem de suas mães, estas também precisam deixar as filhas partirem e se perceberem como mulheres independentes em relação a elas. Ainda que esta separação seja real – com a filha estudando fora ou através do casamento, por exemplo –, ela é, principalmente, emocional.

A separação como um processo importante para o relacionamento entre mãe e filha adulta foi citado pelas mães (sete participantes) ao comentarem sobre: a descoberta da sexualidade pelas filhas, através do primeiro namorado ou da perda da virgindade; a entrada das filhas no mercado de trabalho e a segurança com que conduzem sua vida profissional; o fato das filhas resolverem os próprios problemas e o casamento das filhas casadas. As mães disseram também sobre o desejo de que as filhas não crescessem e, para aquelas cujas filhas já se casaram, a saudade que sentem da convivência diária.

As mães relataram que sentiram ciúmes ao perceberem que as filhas estavam crescendo, entraram em pânico e fizeram escândalo ao descobrirem que elas estavam namorando ou que não eram mais virgens, pois isto significava que

as filhas estavam descobrindo novas pessoas, novas sensações, que não eram mais subordinadas somente às mães e seus interesses.

A vida profissional das filhas foi outro importante sinal para as mães de que suas filhas cresceram, pois no trabalho se portam com firmeza e segurança, algo que as mães perceberam como algo novo na personalidade das filhas. Além disto, estas passaram a resolver seus próprios problemas, o que, segundo as mães, provocou o início da separação de suas vidas. Isto é, ao lado da relação entre mãe e filha adulta, as filhas também tinham uma vida fora, sem a participação materna.

Isto também limitou o tempo compartilhado por mães e filhas, porque estas passaram a se envolver em diversas atividades fora do lar. Diante disto, a separação foi comentada por três mães de filhas solteiras e todas as mães de filhas casadas. As mães de filhas casadas vêem o casamento das filhas como um símbolo de separação. Elas relataram que a preparação do ritual de casamento é um processo prazeroso, “vê que ela se sente tão feliz, tão alegre, que a gente fica alegre também” \_ relata uma das mães entrevistadas; porém não estavam preparadas para a saudade que sentiram com a ausência da filha de casa. A mudança de casa demarca mais claramente o limite de cada uma e promove uma nova configuração para o relacionamento.

“Olha, o casamento, a gente fala que filho tem que casar. Olha, mas é duro. A gente está vendo a alegria, a gente fica alegre também porque ela está feliz. Mas quando se casou, que a gente chegava no quarto dela, que via a cama dela vazia. Nossa, eu chorei muito” (L, mãe comenta sobre como ficou a casa após o casamento da filha e como se sentiu).

A dificuldade materna em lidar com a separação de vidas que há entre mães e filhas adultas, devido à maior autonomia das filhas, está associada ao desejo de que as filhas são sempre crianças e assim precisariam sempre da tutela materna.

“Eu achava... Não é que eu achava; eu pensava que ela iria ficar comigo toda a vida” (C, mãe de filha casada relatando sua surpresa em perceber que a filha não precisava mais tanto dela).

Para as filhas adultas (sete participantes), a separação entre elas e suas mães incluiu a mudança de postura e do discurso materno, o fato de estudar em outro estado, a vida universitária, ter condições financeiras de se sustentar, a separação dos problemas de cada uma, não mais necessitar de aprovação o tempo todo, a descoberta da vida sexual da filha pela mãe e o casamento.

Segundo as entrevistadas, foram as mães que apontaram para as filhas que elas cresceram, ao mudar o próprio comportamento, deixando de fazer algumas coisas e dando mais liberdade de expressão para as filhas adultas. As filhas adultas perceberam que o relacionamento entre elas e suas mães passou a ser mais simétrico, aumentando a troca de interesses particulares entre elas, bem como a percepção de suas próprias individualidades. Assim, as histórias de mãe e filha adulta passam a ser desenvolver separadamente, cada uma com seus próprios problemas e vivências particulares que contribuem para o relacionamento, desde que cada uma respeite o espaço da outra.

“Então aquele comportamento antes dos 20, que ela me segurava em casa, brigava, ela se preocupava com o que eu fazia. Que hoje em dia é uma liberdade maior, já é mais um... é companheirismo maior” (U, filha solteira relatando como percebeu que a mãe via que ela é adulta).

As filhas solteiras ainda moram na casa materna e a separação para elas está representada por estudar longe de casa, ter mais liberdade, perceber mudança no comportamento materno e perceber o mundo de forma diferente por estarem em contato com um novo mundo fora de casa. Com isto, quatro filhas solteiras perceberam que houve uma separação entre elas e suas mães. Quanto às casadas, três delas comentaram sobre a reação das mães ao descobrirem que tinham vida sexual ativa e o casamento como momentos marcantes de separação.

As filhas casadas passaram a morar em suas próprias casas e, para algumas delas, esta mudança melhorou seu relacionamento com as mães. Assim como as mães comentaram, o processo pós-casamento é igualmente doloroso para as filhas, uma vez que elas se sentem muito sozinhas, estão se adaptando ao novo espaço e estilo de vida, mas não partilham este momento com a família, no intuito de não preocupá-la.

“Eu pensei que não fosse sentir tanto a saída de casa quanto eu senti. Eu pensei assim que fosse ser uma coisa assim muito natural. Mas eu senti grande dificuldade nos primeiros, principalmente nos primeiros três meses. Foi algo que eu não me abri com ela” (Jul, filha casada comentando como foi estar em sua própria casa).

A autonomia, que costuma acompanhar a entrada no mundo adulto, não exclui a necessidade de conexão entre as pessoas e tanto as mães e filhas demonstraram a importância de manter o relacionamento entre elas. A separação somente é definitiva com a morte de um dos membros da relação. Algumas filhas comentaram sobre a futura morte de suas mães e a dificuldade de pensar sobre o fato de que, um dia, a separação será irremediável.

Então às vezes eu fico, às vezes eu *(ficou emocionada)*. Se mamãe faltar para mim, eu não sei o que acontece. (...) Então se acontecer alguma coisa dela faltar e tal... Eu fico preocupada quando fica doente, então é uma coisa que eu fico muito apavorada de acontecer de um dia ela me faltar“ (Jun, filha solteira que se preocupa com a morte de sua mãe).

Ao longo do relacionamento, mãe e filha adulta vivenciam momentos de aproximação e distanciamento, dentro de um processo dinâmico que caracteriza as relações interpessoais. Neste sentido, a separação parece ser marcante para as mães e filhas adultas na configuração de seu relacionamento atual, ao mesmo tempo em que elas foram criando novas formas de aproximação.

A maioria das mães (seis participantes) relatou eventos que propiciam a aproximação entre elas e suas filhas, embora a maioria tenha dado mais ênfase à separação. Estas mães se referiram aos laços familiares, às comemorações e à amizade presente no relacionamento.

Três mães de filhas casadas observaram que estas sempre que têm disponibilidade visitam a casa materna, principalmente em eventos que envolvam a família, como a comemoração de aniversários, o almoço de domingo, além de demonstrarem preocupação com os irmãos. Além disto, a pequena distância física da casa das filhas casadas é um fator de aproximação, pois facilita a visita e os encontros casuais.

“Só teve assim aquela falta, saudade, mas ela morando aqui por perto, estava sempre vendo. Como o pai dela falou, é diferente porque minha outra filha casou e foi embora, mora longe. É tão gostoso você ter a filha... casou; mas você está na rua de repente você encontra, vê no carro ela passando é uma sensação gostosa boa né... “olha lá...” dá tchau, passa assim, se encontra é bem gostoso mesmo” (N, mãe de filha casada relatando que sente a filha mais próxima devido ao fato de morarem no mesmo bairro).

Já as três mães de filhas solteiras ressaltaram que os fatores de aproximação estão relacionados a atividades que envolvem as duas, como esperar a filha chegar em casa para lanche, sair juntas e a amizade que há entre elas. Observamos que, no caso de filhas casadas, são estas que buscam mais a aproximação. Por outro lado, quando as filhas são solteiras, são as mães que procuram oportunidades para se aproximarem das filhas.

As filhas, também, relataram sobre a aproximação ou sobre o desejo de estarem mais próximas de suas mães. Para três das filhas casadas, o fato de compartilharem aspectos similares, como a vida de casada, por exemplo, proporciona uma melhor compreensão do universo uma da outra, além de facilitar a própria conversa sobre o dia-a-dia do casamento. As conversas sobre filhos também facilitam o contato, com as filhas manifestando suas expectativas quanto aos próprios filhos conversando com as mães sobre os sobrinhos, irmãos mais novos ou primos. A família é um ponto de aproximação, as atividades compartilhadas agora se transformaram em eventos, como o churrasco em casa.

Como as filhas solteiras ainda estão em processo de emancipação, elas ressaltam a autonomia como separação e as diferenças entre elas e suas mães, mas quatro filhas solteiras relataram que se sentem próximas de suas mães. Todavia, o envolvimento com suas próprias vidas limita a vivência e a demonstração disto. As filhas citaram o gênero como um importante elemento de aproximação, pois, de acordo com elas, o fato de ambas serem mulheres faz com que compreendam a outra, que sejam mais abertas e se ajudem mais, além de compartilharem atividades como lanche e fazer compras, entre outras. A maneira

materna de pensar, quando “a cabeça dela é quase igual a nossa”, como disse uma das filhas, propicia a amizade e a aproximação.

“Eu a participo em tudo e ela me participa também. Às vezes ela está chateada, desabafa comigo. Então assim, a gente tem uma proximidade muito legal. Bem diferente mesmo” (L, filha solteira destacando a amizade e a proximidade que tem como a sua mãe).

Quando mãe e filha adulta comentaram o quanto se sente próximas, ressaltaram a necessidade de contato e a convivência entre elas. Contudo, isto não pode ser confundido com intimidade e nem a existência de uma relação gratificante (O’Connor, 1990). De acordo com os dados, a proximidade entre mãe e filha adulta está relacionada à estrutura familiar, ao modo de vida das filhas, à distância geográfica e ao tempo que passam juntas.

As mães ainda pensam na relação com a filha adulta no ambiente doméstico, entretanto as filhas buscam adaptar a relação com suas mães à vida que estão construindo. Ao mesmo tempo, ambas descobrem a importância do relacionamento e da proximidade entre elas, duas mulheres adultas que também são mães e filha. Quando a independência emocional está presente no relacionamento entre mãe e filha adulta, o laço amoroso permite que as mães não se sintam totalmente excluídas da vida das filhas e estas podem demonstrar suas particularidades, se separar, com um pano de fundo de segurança e aceitação (Kabat, 1998).

## 2. DEPENDÊNCIA E INDEPENDÊNCIA

Quando falamos de pessoas adultas, pressupomos a existência de autonomia, ou seja, é o desenvolvimento do 'eu' que permite à pessoa a confiar em seus próprios recursos internos. A autonomia, no relacionamento entre mãe e filha adulta, se faz presente quando há uma relação de independência emocional entre elas. Mas, muitas vezes, a proximidade entre estas, promove uma relação de dependência de uma das partes. Isto pode ocorrer, entre outros motivos, pelo fato das mães desejarem continuar como a principal fonte de apoio emocional das filhas (Kabat, 1998). Ou por vontade das filhas.

Embora a dependência tenha sido pouco comentada pelas participantes, consideramos importante apresentá-la, pois pretendemos com este trabalho conhecer a dinâmica do relacionamento entre mãe e filha adulta, o que torna digno de nota todas as questões surgidas nas entrevistas.

As mães (duas com filhas solteiras e uma com filha casada) se apresentaram como mais dependentes da presença de suas filhas do que o inverso. Estas se auto-intitularam como dependentes, citando o afastamento das filhas como causa de sofrimento. Somente uma mãe considerou a própria filha (solteira) como dependente.

“Ela falaria isto: “Ah eu queria que mamãe fosse mais independente. Não dependesse tanto da gente”. Que eu sou muito dependente delas. Elas já não são, elas são muito independentes. Então acho que nesse caso aí, é ela que falaria, que eu sou dependente. Eu sou mesmo” (L, mãe de filha casada enfocou a dependência que tem das filhas e que elas reclamam disto).

Com base nos dados, a dedicação às filhas solteiras é uma maneira das mães dependentes de cativá-las e garantir a permanência do relacionamento como está. Elas consideraram que a entrada de novas pessoas na vida das filhas, como um namorado ou marido, causa mudanças que não as agradam. Assim, as mães buscam facilitar ao máximo a vida das filhas, esperando que estas também considerem que o ideal é manter a relação somente entre mãe e filha, pai e irmãos, quando já fazem parte da dinâmica do relacionamento. Embora, tenham consciência da possibilidade de mudanças no relacionamento entre elas e suas filhas, isto causa sofrimento, pois interpretam a separação como distanciamento e diminuição do contato.

As filhas casadas não fizeram referência à dependência entre elas e suas mães, talvez por estarem mais voltadas para as suas próprias vidas, na conciliação de casamento e carreira. Entre as filhas solteiras, por sua vez, apenas uma enfatizou a sua dependência da presença materna.

“Na verdade eu criei com a minha mãe uma dependência. Engraçado, eu não sei se é pelo fato de eu ser filha única, você fica muito dependente. Eu digo assim, tudo que você vai fazer, minha mãe está junto. Tudo que eu vou fazer:” \_ Não, minha mãe ajudou a fazer “. Então eu não consigo imaginar assim eu longe da minha mãe. Isso é uma coisa que eu não consigo imaginar mesmo” (L, filha solteira observou que se manter próxima da mãe é uma de suas maiores preocupações).

O desejo de proximidade como mãe e filha pode vir acompanhado de estratégias que as mantenham ligadas, deixando pouco espaço para mudanças entre elas. A relação de dependência existe quando a pessoa, para se reconhecer, depende da presença do outro. A sua identidade está focada nas relações que mantém. A independência de uma pessoa adulta, de acordo com

Chodorow (1979), se estabelece quando esta simplesmente não entra em colapso ao estar sozinha.

Os aspectos de independência entre mãe e filha adulta estão relacionados aos aspectos da separação já comentados. Ou seja, a relação ganha uma nova configuração em virtude do crescimento da filha, que passa a estudar mais longe de casa, vai e volta de ônibus sozinha, deseja mais tempo com as amigas, começa a se interessar pelo sexo oposto e a apresentar opiniões próprias que podem divergir da mãe. Como disseram as mães, foi-se diluindo o espaço de cuidados maternos porque as filhas passaram a cuidar de si mesmas e foram percebendo que a postura das mães mudou, havendo mais liberdade. A aceitação das transformações pessoais de cada uma modificou a relação e a adequação a isto permitiu que elas fossem independentes, sem desvalorizar a importância que uma tem para outra.

Com a filha se tornando adulta, espera-se que a relação entre mãe e filha seja mais recíproca, mas isto não ocorre se a dependência ainda fizer parte da dinâmica do relacionamento. Pois, não há uma descoberta de suas particularidades e a conseqüente troca de interesses e experiências.

A nossa cultura valoriza as relações familiares, principalmente, o papel materno. Assim, o processo de separação pode ser dificultado em virtude da valorização das qualidades da mãe. Para algumas mães e filhas, a entrada na vida adulta das filhas questiona suas identidades. Mas, quando mãe e a filha adulta compartilham suas vidas e interagem de maneira interdependente, observamos que há a presença de mais convergências no relacionamento.

### 3. MUDANÇAS NA RELAÇÃO

Os relacionamentos mudam progressivamente ou variam dentro de alguns limites, desde coisas triviais até grandes transformações (Hinde, 1997). Dentro dos desejos e expectativas de como deve ser o relacionamento, mães e filhas adultas demonstraram que, embora gostem da relação que mantêm, gostariam que ocorressem algumas mudanças no relacionamento, que vão desde comportamentos individuais até o início de novos papéis como, por exemplo, a maternidade da filha.

As mães têm expectativas de mudanças. Contudo, as transformações do relacionamento são entendidas como resultado de uma melhoria contínua, pois cada vez se conhecem mais e isto ajuda na relação, segundo as entrevistadas. Diante disto, todas as mães de filhas casadas ao comentarem sobre os seus desejos citaram, entre outros, continuar ou morar mais perto das filhas casadas, ser avó, ver o sucesso profissional das filhas (mas em um emprego mais tranqüilo que o atual) e desejam não virem a atrapalhar a vida delas quando estiverem mais velhas.

“Espero ser avó e que não demore muito. Então eu acho que não tem que mudar em nada não. Eu acho que está muito bom assim” (L, mãe de filha casada considerando que já está na hora da filha ter um bebê).

“Eu penso em não atrapalhar a vida deles. Porque a pessoa nova tem tudo pela frente, então que eu não venha a atrapalhar em nada, a gente vê às vezes pai e mãe dando trabalho. Então gostaria que isso nunca acontecesse. (...) Não indo tão longe, que a gente tenha sempre esse relacionamento que nós temos, de amigas” (N, mãe de filha casada desejando manter a sua independência e a relação com a filha sem conflitos).

Para as mães de filhas solteiras (quatro participantes), uma boa mudança para a relação seria que as filhas fossem mais abertas e falassem mais de suas vidas. Duas destas mães foram nostálgicas e preferiam não haver mudança no relacionamento entre elas, pois é bom cuidar das filhas. O casamento não é mais visto como uma obrigatoriedade, mas como algo para mais tarde na vida das filhas, pois esperam que estas conquistem sucesso profissional e financeiro, tornando-se mulheres independentes. O desejo de serem avós já é algo mais presente, mas também não consideram uma obrigação que isto ocorra, pois pode ser que as filhas não se casem e, embora não falem diretamente sobre isto, as mães ainda relacionam maternidade e casamento.

“Eu digo para ela: Vai em frente, minha filha. Vai mesmo, consegue as coisas com seu trabalho. Constrói um apartamentinho bem bonitinho para você, do jeitinho que você quer. Eu tenho que incentivar, não tenho? Porque ela está estudando esse tempo todo para que? Para ter as coisinhas dela” (A, mãe explicando o que espera para o futuro da filha solteira e como a incentiva).

As filhas têm mais consciência das mudanças que gostariam para a relação entre elas e suas mães; pois percebem como uma necessidade que depende muito de uma postura delas. Todas as filhas casadas citaram o desejo de mudar os seus comportamentos e atitudes com as mães, como ser mais pacientes e amorosas para ouvi-las mais, estar mais presente, ajudar mais e não descontar nas mães suas frustrações. Pois, cabe a elas, agora, cuidarem de suas mães. Quando as filhas casadas comentaram sobre as expectativas de mudanças, elas se colocaram muito no lugar das mães para compreender o que mudar. Diante disto, a maioria citou que a futura gravidez será uma oportunidade

de compreender melhor o que é ser mãe e isto proporcionará uma maior união entre elas, segundo os relatos das filhas.

“Eu acho que o meu relacionamento com mamãe deve ter uma mudada quando eu tiver filhos. Que, de repente, eu vou entender algumas posições dela. Os comportamentos de mãe... Porque assim, dizem que a gente só entende depois que tem. Então eu acho que isso vai ser o... Eu acho que algumas coisas vão mudar” (Jul, filha casada espera melhorar a relação com a mãe através de mudanças de atitudes e de sua maternidade).

As filhas solteiras também demonstraram o desejo de mudanças pessoais para o relacionamento entre elas e suas mães. Somente uma das filhas considerou que a mãe deveria mudar e aceitar mais as suas opiniões. Quatro filhas solteiras desejam ser mais abertas e pacientes com as mães.

Quanto ao casamento, embora todas as filhas que comentaram sobre expectativas de mudanças o tenham citado, elas têm opiniões diferentes do impacto disto para o relacionamento com suas mães. Para algumas, a constituição da própria família promove uma aproximação devido a similaridade de papéis e a presença de novos mediadores que melhoram a amizade entre elas. Outras filhas consideraram que o casamento as afastará das mães, pois terão que se preocupar com sua própria família. Contudo, a maioria espera que mães e filhas estejam, cada dia mais próximas e se entendendo melhor.

“A única mudança que pode acontecer é que eu saia de casa, constitua a minha família, aí se aparecer questão de filhos, ela virar avó, aí realmente eu acho que vai ter assim um outro perfil. (...) Eu imagino que quando a gente sai de casa, a gente não tem aquela convivência diária, então, tem uma saudade maior, tem uma necessidade de repente de tempos em tempos se encontrar” (U, filha solteira comentando sobre suas expectativas quanto ao seu futuro e do relacionamento com a mãe).

“Eu sou solteira agora e moro em casa com ela. Mas quando eu for casada e morar fora, acho que vai distanciando. Mas vai até melhorar, porque assim, vai

ficar cada um num canto. Então a gente não vai estar brigando nem nada. Então... quando encontra é para alegria” (I, filha solteira relatando o que deseja para a relação entre ela e sua mãe).

O relacionamento entre mãe e filha adulta sofre variações de acordo com o seu contexto sociocultural e com as modificações de sentimentos e atitudes de ambas. Conforme Fingerman (2001), há vários aspectos que mudam no relacionamento entre mãe e filha, mas determinadas qualidades emocionais permaneceriam constantes, como por exemplo, a solicitude materna.

Mesmo demonstrando satisfação com a história que desenvolveram juntas, mães e filhas expressaram a possibilidade de ser ainda mais próximas. Ou seja, as mudanças são desejadas em busca da realização do ideal que elas possuem sobre os seus papéis e do relacionamento entre elas.

Todo relacionamento ocorre no tempo, tem uma história. As transformações no relacionamento entre mãe e filha, ao longo do tempo, envolvendo movimentos de aproximação e separação, momentos de dependência e independência, encontros e desencontros, são carregados de afeto. De acordo com os dados, observamos que mães e filhas adultas buscam a proximidade, sendo que as filhas demonstram um maior senso crítico quanto a seu papel em relação às mães e as mães apresentam uma visão mais passional.

Cada díade, ao mesmo tempo em que vivencia as particularidades do relacionamento, representa as expectativas sociais e o momento histórico no qual a relação se dá. Neste sentido, buscamos compreender dialeticamente o relacionamento interpessoal sob a perspectiva das participantes, mãe e filha.

### **III. A FAMÍLIA**

O relacionamento entre mãe e filha faz parte da dinâmica familiar. Assim, a participação dos outros membros nesta dinâmica influencia e sofre influência da interação entre mãe e filha. Mãe e filha estão ligadas entre si e à rede familiar e social que estão inseridas. Além disto, se as interações são positivas, isto aumenta a possibilidade de interagirem ainda mais, sendo que mãe e filha têm um importante papel no fortalecimento das relações familiares como um todo (Lefkowitz & Fingerman, 2003).

#### **1. PAI**

A relação entre mãe e filha existe porque há também um pai. Mesmo que ele não seja uma presença próxima, o pai é lembrado pela mãe e pela filha, ajudando-as a dimensionar a própria relação.

Sete mães comentaram sobre o papel paterno para o relacionamento com suas filhas. Elas consideraram que conhecem as filhas melhor do que os pais e, por isto, têm condições de perceber quando as filhas estão chateadas, por exemplo. Também aceitam melhor algumas coisas em virtude da cooperação e da cumplicidade que há entre elas. Isto não é possível de ocorrer com os pais, pois eles têm dificuldades em compreender as filhas em suas particularidades.

Para três mães de filhas casadas, o pai percebe a relação entre mãe e filha adulta positivamente e, mesmo que não seja de maneira ativa, ele é parte do relacionamento entre elas. Além disto, as mães comentaram que os maridos

adulam as filhas. Isto cria uma impressão para as filhas, de acordo com as mães, que os pais gostam mais das filhas e as mães mais dos filhos. Mas, elas contestam esta impressão e reafirmam que gostam dos filhos igualmente.

“Ela sempre achou que o pai dela gostava mais dela e eu, dos filhos. Mas não é isso não, eu amo meus filhos todos iguais. É que tem uns que precisam mais de afeto porque tem uns que têm a personalidade mais frágil, entendeu? Então, você tem que dar mais assistência, dá mais bronca naquele, entendeu?” (M, mãe de filha casada relatando que a filha contestava o amor materno)

A maioria das mães de filhas solteiras (quatro participantes) comentou que suas filhas são “filhas do pai”, isto é, as mães percebem as filhas como muito parecidas com os pais e bastantes diferentes delas próprias. As mães acham que isto facilita o relacionamento entre elas e suas filhas, pois como convivem com os maridos há muito tempo, elas compreendem alguns comportamentos das filhas e aí já sabem o que fazer. Quando há presença de outros filhos do sexo masculino, as mães entrevistadas se identificaram mais com os seus filhos, reforçando, assim, o pensamento de que a filha seria mais ligada ao pai e o filho à mãe. Mesmo negando a existência de preferências no relacionamento entre mãe e filhos.

“Então é assim o meu filho é muito parecido comigo e ela é muito parecida com o pai dela e é totalmente diferente de mim” (O, mãe de filha solteira ressaltando a falta de identificação entre ela e a filha).

“Ele tem muito assim, respeito sabe, pelo pai, muita amizade, mas com uma certa distância, ta entendendo? É diferente do que é comigo. Comigo já é mais... é isso aí mesmo, eu acho. É uma coisa bem óbvia aqui em casa que aconteceu, sabe. Bem, assim: as filhas do pai e o filho da mãe.” (G, mãe de filha solteira observando que percebe a filha é mais distante dela do que do pai)

Apesar disto, as mães de filhas solteiras também observaram que os pais sentem ciúmes do relacionamento entre elas e suas filhas, pois se sentem à parte nesta relação. Somente uma mãe, entre todas as entrevistadas, disse que pai e filha são mais ligados entre si do que ela e sua filha. No caso das filhas entrevistadas, uma única filha se declarou apaixonada pelo pai e, mesmo ele sendo já falecido, isto influencia a relação com a mãe até hoje, causando uma certa competição entre elas.

As filhas fizeram observações sobre a participação paterna no relacionamento entre elas e suas mães; mas como mostram os dados referentes às filhas casadas: três delas consideram os pais como uma unidade. Embora, a convivência seja maior com a mãe, o pai é visto pelas filhas como protetor e adulator. Segundo as filhas casadas, os pais consideram que elas são autoritárias e influenciam demais as mães. Mas, isto não interfere na maneira como elas percebem suas mães e se identificam com elas.

No caso das filhas solteiras, três delas declararam que se identificam mais com os pais. Isto é algo que as mães repetem constantemente para elas: “você é igual ao seu pai”. Porém, as filhas não se vêem mais próximos do pai, porque é com a mãe que as coisas acontecem, ou seja, o relacionamento com o pai é uma relação intermediada pela mãe.

“Ela fala uma coisa na intenção, lógico, de ser melhor, preocupação de mãe com filho, normal. Mas eu não escuto, não, se eu quero ir, eu vou. Sem medo, sem escutar, porque também eu acho que tenho o meu pai que me apoia. Então não sinto muito insegura, porque tenho ele que não fala nada. Ele não fala nada, então eu acho que eu fico segura porque eu tenho ele. Já ela transmite mais preocupação. Meu pai também se preocupa, mas ele não transmite. Ela transmite mais, então eu me irrita: “\_Não! Você já está levando para o lado negativo” (I, filha solteira comentando que considera o pai mais amigo porque ele procura interferir menos na vida dela).

O pai é uma importante figura para o processo de identificação entre mãe e filha, pois esta costuma ser vista como herdeira de um ou de outro e, diante disto, as expectativas sobre o relacionamento e como interação são influenciadas por esta percepção.

## **2. FILHOS E/OU IRMÃOS**

A relação entre mãe e filha adulta sofre a intermediação dos outros filhos que interferem na dinâmica do relacionamento.

Nas entrevistas, foi muito difícil para as mães se concentrarem em um único filho, no caso a filha adulta participante, para apresentar a dinâmica do relacionamento entre ela e sua filha. Elas negaram fazer uma diferenciação entre os filhos e sempre que elogiavam a filha entrevistada, faziam questão de ressaltar as qualidades dos demais filhos.

Todas as mães de filhas casadas falaram dos filhos em várias ocasiões para exemplificar o relacionamento com as filhas adultas. De maneira geral, as mães comentaram que os outros filhos sentem ciúmes da relação existente com a filha participante da pesquisa, pois consideram que as mães são mais próximas delas. Os filhos citados como ciumentos são de ambos os sexos e mais novos do que as filhas participantes. As mães, com grande satisfação, apesar do ciúme entre elas, analisaram que seus filhos têm entre si, um relacionamento próximo.

Três mães de filhas solteiras disseram que as filhas têm ciúmes da relação delas com os outros irmãos, mas ressaltam que não há diferença de tratamento, é uma percepção equivocada das filhas. Mas estas mães, em sua maioria, se

identificam mais com os filhos homens conforme os dados. Além disto, as filhas solteiras tendem a assumir um papel de orientadora para os irmãos, o que eventualmente, causa conflito entre eles. As mães apreciam observar este cuidado fraternal, apesar das diferenças que elas percebem em cada filho. Parece que a autopercepção materna é resultado da interação com cada um deles e não com um filho ou filha em particular.

As filhas comentaram sobre os seus irmãos e como a interação deles com suas mães interferem no relacionamento entre elas e suas mães. Para as filhas casadas (três participantes), a presença dos irmãos é importante para o relacionamento entre elas e suas mães, isto é, irmãos são mediadores na relação, ajudam a minimizar as dificuldades em decorrência de aspectos pessoais e fortalecem os laços familiares. Portanto, para elas, os irmãos são fontes de apoio e amizade, e em alguns casos, são confidentes e ajudam filtrar o que deve chegar ao conhecimento das mães.

As filhas solteiras (três participantes) avaliaram que o relacionamento entre mãe e filha é fortemente influenciado pela presença dos irmãos, pois eles também demandam atenção. Assim, os irmãos são as pessoas com que as filhas dividem a atenção das mães, o que muitas vezes, provoca ciúmes na relação entre os irmãos. Embora, as filhas entrevistadas disseram que entendem que suas mães se identifiquem mais com um dos filhos do que outros. Uma outra característica da influência fraterna é que os irmãos ponderam e ajudam a esclarecer a situação, em caso de conflito entre mãe e filha.

Os irmãos são fonte de ciúmes, competição, companheirismo e apoio, interferindo no relacionamento entre mãe e filha. As filhas se consideraram

responsáveis por eles, mesmo que não haja grande diferença de idade. Em contrapartida, as mães tentaram negar a preferência por algum dos filhos, mas demonstraram se identificar mais com um filho do que outro (a). A presença dos irmãos ajuda a contextualizar o relacionamento entre mãe e filha.

### **3. OUTRAS PESSOAS**

A relação entre mãe e filha adulta não é influenciada somente pelo ambiente familiar, as pessoas com quem mãe e filha convivem também faz parte da dinâmica do relacionamento, participando ou exibindo o seu julgamento sobre a convivência delas.

Ainda que o impacto da presença de outras pessoas seja mais difícil de ser percebido pelas mães, mais da metade delas, considerou a opinião de terceiros para descrever o relacionamento entre elas e suas filhas.

Três mães com filhas casadas comentaram sobre a presença do genro e como isto interfere no relacionamento. Os maridos das filhas são muito queridos e estão bastante presentes em todas as atividades sociais: participam do almoço de domingo, viajam à casa de praia no verão e participam das festas de aniversários. Contudo, uma mãe reclamou que tudo que a filha vai fazer, o marido tem que estar por perto e isto a incomoda um pouco. Isto é, as mães apreciam os genros, todavia valorizam o tempo que podem compartilhar com as filhas sem a presença deles.

Duas mães de filhas casadas também comentaram que as pessoas com quem elas trabalham elogiam a relação entre elas e suas filhas, o que é um

motivo de orgulho, pois segundo elas, um relacionamento próximo como delas não é algo comum.

“Nós conversamos assim como se fosse... Até a menina que trabalho comigo no escritório, ela às vezes observa a minha filha ligando para mim, e eu conversando, ela falou assim: “Ah, eu admiro porque vocês parecem assim... Não diz que é mãe e filha, são amigas.” Não deixa de ter aqueles momentos que dá um arranhãozinho, e isso eu acho que é muito normal. (...) Então há esses momentos sim, mas é um relacionamento bem tranquilo” (N, mãe de filha casada ponderando sobre a opinião que as pessoas e a sua própria sobre a relação com a filha).

Somente duas mães com filhas solteiras relataram a participação de outras pessoas no relacionamento. O modo delas se comportarem com suas filhas solteiras é uma referência para os parentes e também, para os amigos mais próximos; isto é um reforço para o modo de convivência delas.

“Olha, nós temos N amigos, todos os amigos, falam: “Ah, eu queria tanto que meus filhos fossem iguais aos seus”, “ah, eu queria tanto ter educar meus filhos como você educou os seus”, “queria tanto que os meus filhos vivessem comigo como seus filhos vivem”. Na relação de amigos que nós temos, nós somos um ponto referência em matéria de educação. (...) Isto também me envaidece demais!” (R, mãe de filha solteira valorizando a relação).

Quanto às filhas, somente uma filha casada observou que seu marido diz que ela é igual à mãe e uma filha solteira comentou que a prima faz o papel de irmã para ela, muitas vezes.

Ao se referir a outras pessoas, mães e filhas perceberam o relacionamento entre elas como único. Ou seja, elas consideram como a relação como referência, mas creditando a gratificação com o relacionamento como parte da dinâmica do próprio relacionamento. Os pontos positivos são vistos de maneira particular e os negativos, como sociais.

Compreender o relacionamento entre mãe e filha adulta implica na busca de conhecer a família brasileira e suas configurações. Esta família vem passando por mudanças e de acordo com Beninca & Gomes (1998). Podemos destacar os seguintes fatores de mudanças na família brasileira: as exigências econômicas decorrentes da intensificação industrial e urbana, a inserção profissional da mulher, a distribuição social do conhecimento pela transformação nos meios de comunicação de massa, e a quebra de poder integrador das relações de parentesco com o enfraquecimento da família nuclear.

Vemos que mais do que laços de sangue, o que importa são os laços afetivos na configuração das relações familiares, onde a interdependência destes laços influencia e é influenciado na dinâmica familiar. Ora proporciona encontros, ora desencontros. Isto é, a relação entre mãe e filha acontece, em primeiro lugar, na família.

## **IV. ATIVIDADES E COMUNICAÇÃO**

O que as pessoas fazem juntas e como a comunicação transita entre elas refletem o nível de contato. Em uma relação de longo prazo como o relacionamento entre mãe e filha, muitas vezes, tida como natural costuma-se minimizar as estratégias de continuidade da relação.

As interações possibilitam novos contatos e fortalecem a proximidade quando os interesses da díade são vivenciados no cotidiano do relacionamento. Diante disto, buscamos conhecer as atividades que mãe e filha adulta compartilham e o processo de comunicação entre elas.

### **1. ATIVIDADES COTIDIANAS**

As atividades sociais que mãe e filha adulta compartilham auxiliam na satisfação com a convivência, embora isto nem sempre implique que mãe e filha sejam íntimas, no sentido de trocar confidências. Mas dividir algumas atividades é importante para o desenvolvimento da proximidade (Walker & Thompson, 1983).

As atividades entre elas estão mais no âmbito do privado, ou seja, são atividades que ocorrem principalmente em casa, de acordo com as entrevistas. O tempo é uma variável importante para a realização de atividades conjuntas, pois nem sempre mãe e filha compartilham a mesma rotina mesmo morando juntas.

As mães comentaram sobre a existência de atividades entre elas e suas filhas, e como isto foi mudando a medida em que as filhas se envolveram em seus

próprios projetos. Assim, elas também tiveram que se voltar para as próprias atividades e interesses.

No caso das mães de filhas casadas, três delas relataram atividades compartilhadas com as filhas, ou seja, de acordo com os dados referentes à percepção materna, o casamento das filhas influencia, pois não há mais atividades exclusivas, a não ser para aquelas que costumam ir ao médico ginecologista juntas, mas não é um hábito. De modo geral, as atividades entre as mães e suas filhas casadas envolvem a família como um todo, as mães mencionaram que compartilham: os almoços de domingos, com a presença de todos os filhos com seus parceiros e netos (quando há), festas de familiares, ir para casa de praia no verão e, eventualmente, ir à igreja.

Além disto, mães e filhas adultas não têm tempo disponível para isso, pois as filhas são muito ocupadas e têm muito trabalho. É interessante ressaltar que estas atividades ocorrem na casa materna e as mães, geralmente, não freqüentam a casa de suas filhas casadas e, quando vão, relataram gostar muito de ver como as filhas cuidam da casa.

“Ela vem muito aqui. Agora eu ir lá na casa dela, vou bem pouco. Assim bem pouco, mas quando vou é muito gostoso. É muito gostoso você sentir que está indo à casa da filha. Aí ver as coisas que ela... o jeito dela e ela te servindo. Eu acho isso muito legal, não tenho muito costume” (N, mãe de filha casada observando a dinâmica das visitas entre mãe e filha).

As mães de filhas casadas citaram que, na medida do possível, as filhas estão envolvidas nas suas principais atividades sociais. Mesmo em situações profissionais, elas buscam a cooperação das filhas. O que aparece como

atividade independente é a rotina das atividades domésticas, pois as filhas casadas cuidam de suas próprias casas, não havendo tempo para compartilhar tais atividades com as mães.

Todas as mães de filhas solteiras disseram que elas e suas filhas compartilham algum tempo juntas, seja vendo televisão ou lanchando, embora os horários sejam incompatíveis devido ao trabalho e estudos das filhas. Por isso, atividades públicas são eventuais, quando as filhas as acompanham ao supermercado para as compras da casa ou para passear no *shopping*. As mães ainda relataram que não há empecilhos quanto a irem juntas a festas, praia ou mesmo barzinhos, embora estas sejam atividades que as filhas costumam compartilhar mais com os amigos. É interessante ressaltar que as mães consideram que a falta de tempo ocorre em virtude da rotina das filhas, não considerando suas próprias atividades como empecilhos. Aqui também as atividades físicas, como caminhadas matinais, são exemplos de atividade materna independente.

Todas as filhas entrevistadas comentaram que elas e suas mães compartilham algumas atividades, contudo, trata-se de atividades mais ligadas à casa materna, pois as demais atividades são independentes.

As filhas casadas (quatro participantes) consideraram que a natureza do contato mudou após o casamento, embora este não seja o único responsável pela limitação na convivência e nas atividades que compartilham com suas mães. Há também suas atividades particulares, como o trabalho, os estudos, a terapia e a manutenção da própria casa. Antes do casamento, mãe e filha tinham mais atividades conjuntas, somente delas, e não se limitavam ao fim de semana, com a

presença de toda a família. Agora é sempre toda a família junta, seja para ir à igreja, casa de praia, festas de aniversário, churrascos e almoços. O domingo é um dia muito importante para as atividades sociais, segundo as filhas casadas, e elas, geralmente, passam este dia com as suas famílias de origem.

“Eu vou para lá no sábado, quando eu posso. Eu a ajudo com as meninas, porque fica muito cheio o salão no sábado. E no domingo que a gente geralmente almoça junto, ou eu vou para lá ou ela vem para cá. Geralmente no domingo” (Ky, filha casada explanando sobre as visitas a casa da mãe).

Para as cinco filhas solteiras, as atividades são mais caseiras como ver televisão (principalmente, novelas e filmes), cozinhar e lanchar. São momentos de bate-papo onde mães e filhas aproveitam para saber como vai a vida de cada uma. Quando mães e filhas solteiras saem juntas, é para fazer compras pessoais, ir ao supermercado ou ao salão de beleza. As filhas solteiras consideram que o tempo de convivência é curto devido ao volume de atividades independentes como o trabalho, por exemplo. À noite ou nos fins de semana, quando poderiam estar em casa, se ocupam com outras atividades, como cursos de pós-graduação, encontro com os amigos, viagens, passeios na praia ou estão cansadas demais para dar atenção às mães. As filhas percebem que as mães procuram adaptar-se aos horários delas e, assim, estarem disponíveis no momento que elas chegam em casa para conversarem.

“Hoje a gente tem pouquíssimo contato por eu trabalhar o dia inteiro, chegar em casa tarde, mas ela procura sempre estar acordada para gente poder estar conversando um pouquinho. Se não a gente nem se vê. Porque eu saio, ela está dormindo, já aconteceu de eu chegar e ela estar dormindo, passar um dia sem nos ver” (I, filha solteira comentando sobre sua rotina e a falta de tempo para se relacionar com a mãe).

A qualidade do relacionamento entre mãe e filha parece estar relacionada às atividades compartilhadas entre elas. Embora, no geral, estejam satisfeitas com a relação, como observamos nos dados apresentados, mães e filhas comentaram sobre as mudanças de atividades compartilhadas. O tempo disponível para dedicar criou alguns obstáculos ao relacionamento dentro de um modelo idealizado, que apareceu, algumas vezes, em suas descrições. Mas, a busca de compartilhar a vida e algumas atividades, ao mesmo tempo em que cuidam dos seus próprios interesses, com respeito ao espaço de cada uma, permite a continuidade da relação.

## **2. A COMUNICAÇÃO**

A comunicação possibilita a interação social, a troca de informações, idéias e sentimentos entre mãe e filha, influenciando o entendimento mútuo e a proximidade entre elas. Conforme indicado por Hinde (1997), a conversação cotidiana é importante para a manutenção do relacionamento.

A interação no relacionamento interpessoal depende de ambos os envolvidos e, como tal, a comunicação exerce um importante papel para a troca de informações, percepções e sentimentos que influenciam estas interações. Além disto, segundo Cicirelli (1993), o contato é reforçado na medida em que há mais elementos de comunicação como visitas, telefonemas e a satisfação com o relacionamento. Assim, apresentaremos como a comunicação reflete os encontros e desencontros da relação entre mãe e filha adulta.

## 2.1 A Comunicação na Construção e Manutenção do Relacionamento

Assuntos relacionados à vida diária de cada uma são mediadores importantes para a interação entre mãe e filha adulta. Através de assuntos cotidianos, muitas vezes triviais, mãe e filha adulta trocam informações uma sobre a outra e sobre o contexto em que estão inseridas e, conseqüentemente, fazem parte das estratégias de manutenção da relação.

Todas as mães entrevistadas enfatizaram a importância das conversas cotidianas para o relacionamento entre mãe e filha adulta. De acordo com as mães entrevistadas, isto inclui desde um caráter mais informativo como, por exemplo, sobre métodos contraceptivos e AIDS (quando as filhas estavam começando a vida adulta) ao dia-a-dia de cada uma. As conversas também têm um caráter de orientação. Para as filhas solteiras, geralmente, é sobre trabalho e para as filhas casadas, sobre o casamento.

“Nossa conversa é muito sobre serviço e eu sempre oriento, entendeu? Às vezes, ela reclama de umas situações. Eu falo: “\_Olha, mas em todo lugar isso existe, isso é assim mesmo, em todo lugar que trabalha muitas pessoas existe isso mesmo...”. Então ela sempre está falando do serviço, sempre está contando o que acontece. Aquilo que posso orientar, eu estou sempre falando para ela” (M, mãe de filha solteira analisando a comunicação ente ela e sua filha).

“A gente conversa muito é sobre família mesmo. Sobre as meninas, a gente programa os estudos delas, o que elas estão precisando. A gente comenta de tudo um pouco. Ela também conversa, sobre a rotina dela, o dia a dia. Às vezes ela se estressa muito. E sobre o marido dela, eles são um pouco diferente e ela tenta fazer de tudo para dar certo. (...) Mas para não haver desavença, eu sempre aconselho: “\_Você tenta fazer assim para dar certo a relação de vocês. Tenta parar de estar brigando” (Ma, exemplificando como orienta a filha casada sobre o casamento).

Para as quatro mães de filhas casadas, a comunicação parece ter um caráter mais interativo e, quando não se falam pessoalmente, o telefone é um

importante aliado para o contato entre elas. Diante disto, as mães de filhas casadas citam um leque maior de troca de informações entre elas, sobre o que irão ou não fazer, bem como as situações cotidianas a respeito da vida de cada uma, como a família, casa, comida e a respeito da vida de casada. Mais do que informações, mães de filhas casadas consideram que há uma troca de conhecimento entre elas e suas filhas. De acordo com as mães, há ainda um aspecto lúdico, isto é, ambas costumam brincar uma com a outra com histórias divertidas e piadas.

“A gente está sempre junta, sempre conversando, sempre rindo. Onde a gente está, está sempre rindo” (C, mãe de filha casada interpreta que a comunicação com sua filha é aberta e alegre).

Para as cinco mães de filhas solteiras, o dia-a-dia é o assunto principal quando elas se encontram, contam sobre coisas que ocorreram ao longo do dia, falam sobre os membros da família e sobre o funcionamento da casa. Além disto, as mães disseram que as filhas solteiras costumam informar aonde vão, sobre o que pretendem fazer e avisam se caso se atrasem para chegar em casa. Ou seja, as conversas são um meio de evitar preocupações.

As filhas adultas têm uma percepção diferente de quanto este aspecto está presente no relacionamento entre mãe e filha adulta. De acordo com todas as filhas casadas, as conversas sobre a vida diária são importantes para a comunicação e o relacionamento. Os demais assuntos presentes no diálogo entre mãe e filha adulta são a vida profissional, o ambiente familiar e os assuntos relacionados a casamento. Conversar sobre a família é uma maneira das filhas participarem do que acontece na casa materna e a respeito da vida de casada.

Há momentos de desabafo e, principalmente, orientação de como evitar conflitos com o marido. As filhas ressaltaram que, antes, as mães não falavam muito do casamento, o que está mais presente na relação atualmente. Mas, elas não gostam que as mães revelem intimidades ligadas ao casamento.

“Eu acho que hoje tem mais, porque conta talvez que eu vá entender melhor. Da mesma maneira que de quando eu conto, eu sei que ela vai entender porque ela também vive este tipo de relação” (A, filha casada descrevendo os aspectos similares que influenciam na comunicação).

As filhas solteiras (três participantes) relataram que as conversas com suas mães costumam ser sobre trabalho e estudo, assim as mães têm uma noção de como é o dia-a-dia delas. Podem, ainda, conversar sobre os amigos das filhas. Além disto, as filhas solteiras têm um cuidado em não preocupar as mães, então procuram avisá-las sobre as suas movimentações e evitam comentar sobre assuntos que podem chateá-las. O telefone para as filhas solteiras tem este caráter informativo ou pode ser utilizado para pedir ajuda as suas mães em uma situação mais imediata.

“Eu brinco até com mamãe que ela é minha secretária. Porque eu saio de casa oito da manhã, e chego em casa onze e meia, meia noite. Então às vezes eu preciso de alguma coisa em casa, eu ligo para ela” (Jun, filha solteira comentando como a comunicação pode ser um meio de ajuda).

A comunicação entre mãe e filha adulta é o mediador para a participação de uma na vida da outra, além de reforçar o laço amoroso entre elas. Esta participação pode causar e ser reflexo de problemas. A seguir apresentamos dados deste processo.

## 2.2 Dificuldades na Comunicação

A tensão é algo que faz parte da dinâmica do relacionamento interpessoal e, muitas vezes, a comunicação é prejudicada em virtude disto, embora haja uma valorização do diálogo como meio de resolver os problemas. Contudo, de acordo com Lefkowitz e Fingerman (2003), no relacionamento entre mãe e filha, não é comum a discussão sobre sentimentos negativos e problemas na relação.

Conforme os relatos das mães e filhas adultas, mesmo que considerem que podem conversar sobre tudo, há assuntos que não são discutidos, de acordo com algumas participantes, demonstrando que há aspectos difíceis na comunicação entre elas.

Segundo as mães entrevistadas há alguns assuntos que não fazem parte do relacionamento entre elas e suas filhas, embora considerem não ter dificuldades em conversar sobre o que as filhas quisessem. Mães de filhas casadas concordam integralmente com a afirmação acima. Algumas delas chegam a expor os problemas conjugais que têm com os maridos. Embora somente duas destacaram haver obstáculos no processo de comunicação, comentando que o jeito das filhas as inibe em relação a conversar sobre assuntos mais íntimos, fazer uma crítica, ou mesmo, fazer algum pedido. Pois temem a reação das filhas e não desejam atrapalhar a rotina delas.

“Mãe é assim: você, às vezes, quer pedir uma coisa ao filho, aí fica rodeando um pouco. Às vezes ela até diz assim: “Mãe, você quer o quê? Quer que te pegue aí, quer que faça não sei o que?” Ao invés de ir direto ao assunto, tem umas coisas que... Mas é o jeito da mãe de querer não atrapalhar nada, não querer atrapalhar o que ela está fazendo” (N, mãe de filha casada relatando que a postura da filha dificulta o diálogo).

A maioria das mães de filhas solteiras (quatro participantes) relatou que não conversa sobre vida pessoal, namoro e sexo. Quando surge qualquer comentário em relação a estes assuntos, eles são tratados de maneira superficial. Segundo as mães, isto se dá principalmente porque suas filhas são pessoas muito fechadas e evitam falar sobre estes assuntos. Se perguntar, pode até ser que as filhas respondam, mas não chegam e contam o que ocorre com elas ou se há alguma dúvida, por exemplo. Isto é, as mães de filhas solteiras acham que não existe nada sobre o que mães e filhas adultas não possam conversar, mas há temas que, simplesmente, não são voluntariamente tratados.

Grande parte das filhas (oito participantes) comentou sobre dificuldades de comunicação, principalmente em relação à vida pessoal. Todas as filhas casadas comentaram que a conversa que mantêm com as suas mães não é totalmente aberta, embora não considerem que haja assuntos tabus. Mas elas não conversam sobre a vida sexual com suas mães e preferem que as mães também não as procurem para discutirem o assunto. Assim, aquilo que as filhas casadas interpretam como sendo de suas vidas íntimas, não é passível de diálogo com suas mães. Ou seja, para estas, mães e filhas não são íntimas.

Uma outra questão, que aparentemente é um ponto de desencontro no relacionamento entre mãe e filha adulta quanto à comunicação, é a diferença no nível de escolaridade entre elas. Conforme ressaltou uma das filhas, isto dificulta o entendimento entre as duas.

“Hoje às vezes, fica um pouquinho difícil a nossa comunicação. Ela está falando A eu estou falando B. Mas aí eu percebo, eu sei que tudo que vi na vida dela, eu sei até onde ela pode ir ou não. Hoje a gente tem um pouquinho de dificuldade, porque eu estudei, eu estudo, a gente trabalha fora, faz uma diferença danada, e

eu sei que ela não viveu nada disso. Então é muito difícil para ela” (Ki, filha casada analisando a diferença sociocultural entre mãe e filha).

Quatro filhas solteiras disseram não querer preocupar as suas mães, por isto omitem ou evitam alguns assuntos para poupá-las. Mesmo que conversem sobre relacionamento afetivo, isto se dá superficialmente e, sobre sexo, não fazem comentário algum. As filhas reconhecem que é muito mais uma postura delas, pois as mães dão abertura para que conversem, só que não se sentem à vontade para isto. Como disse uma das filhas solteiras entrevistadas: “mãe é um ser superior” e, por isto, não deve ser exposta à intimidade das filhas.

Os dados mostram que mães e filhas adultas partilham suas vidas e seus problemas na medida em que se sentem à vontade. Diante disto, mãe e filha podem escolher o que é apropriado informar a outra ou não. Para Fingerman (2001) quando ocorre conforme descrito acima, a díade pode ser considerada íntima, sim. Pois os investimentos na comunicação estão voltados para a tentativa de respeitar o espaço de cada uma.

A proximidade entre mãe e filha é socialmente valorizada e confirmada pelos dados apresentados. Ambas se dedicam ao relacionamento e buscam oportunidades de estarem juntas, mesmo limitadas pelo tempo ou com dificuldades de comunicação. Porque para mãe e filha adulta, as atividades compartilhadas são eventos que demonstram a importância da relação e afetam a comunicação e vice-versa.

As mudanças nas relações familiares diversificaram as interações e o processo de comunicação. As atividades compartilhadas e a comunicação tanto propiciam o encontro quanto o desencontro na relação entre mãe e filha, de

acordo com os obstáculos a suas realizações. Ou seja, quanto mais mãe e filha podem estar juntas, conversam e têm atividades em comum, mais elas entendem como satisfatória a relação, mesmo com os atritos que podem ocorrer.

## **V. INFLUÊNCIA SOCIAL E COOPERAÇÃO**

Relacionamento é um processo cooperativo, na medida em que não ocorre sozinho e resulta da participação de duas ou mais pessoas. Neste processo, regras são combinadas, mas nem sempre são expressas claramente.

No caso de mãe e filha adulta, no desenvolvimento do relacionamento, regras de conduta foram estabelecidas para auxiliá-las. Mesmo que não explicitadas, as regras influenciam a maneira de se comportarem uma com a outra, as expectativas sobre a relação e como será o processo de troca entre elas, mesmo algo como emitir uma opinião.

A influência pode estar associada a aprendizagem, manipulação ou impedimento de certos comportamentos. Esta valorização do outro, do que ele sente e pensa, pode facilitar a colaboração entre os envolvidos em um relacionamento próximo. Assim, apresentamos a influência social e a cooperação como aspectos do relacionamento entre mãe e filha adulta.

### **1. INFLUÊNCIA SOCIAL**

À medida que o relacionamento vai se desenvolvendo, mãe e filha se adaptam uma à outra, bem como adaptam a percepção que têm sobre como seria uma relação adequada entre elas. Isto é, o relacionamento influencia e sofre interferência da sociedade, crenças, normas, valores e contexto em que estão inseridos (Hinde, 1997).

A influência sobre as ações de uma pessoa requer a existência de regras de conduta, mesmo que não ditas, que refletem o que determinada pessoa

espera da outra, em determinada situação. Tratando-se de uma relação significativa como o relacionamento entre mãe e filha adulta, as expectativas que cada uma tem sobre o que é adequado interferem na interação entre elas. Mesmo com o processo de desenvolvimento de sua autonomia já avançado, uma filha adulta é influenciada por sua mãe e vice-versa. Muitas vezes, a influência pode se confundir com a obrigação social.

Para as mães, a influência social que recebem das filhas se refere a mudanças de hábitos maternos, valorização da própria vida, como referência para a conduta pessoal e familiar e em temas de modernidade e compromisso. Como as filhas adultas entram em contato com outras realidades e pessoas, elas trazem para as mães informações que mostram novas possibilidades de comportamento, tanto na vida pessoal quanto profissional.

“As caminhadas que eu faço, porque ela vive pedindo para eu caminhar. A ida à igreja. Tudo relacionado a ela e estou me sentindo bem. (...) Ela tem razão em muita coisa. Ela gosta que eu faça e está me fazendo bem também. Numa parte as pessoas têm razão, tem que falar para a gente acordar” (An, mãe de filha solteira considerando que a busca de hábitos saudáveis estão relacionados a solicitações da filha).

Duas mães entrevistadas associaram influência social à manipulação e à intrusão. Assim, ressaltaram que não interferem na vida de suas filhas, que estas sempre tiveram liberdade para realizar vontades e escolhas sem que elas intervissem no processo ou no relacionamento entre as duas.

A influência está presente no relacionamento entre mãe e filha adulta para três mães de filhas casadas. Elas relacionam influência à aprendizagem, pois as filhas mostram uma nova maneira de se comportar, influenciando a maneira de ser delas. Por outro lado, três mães de filhas solteiras se preocupam mais em

serem aceitas e colocam as opiniões das filhas como referência ou um impedimento de conduta.

Por sua vez, as filhas (seis participantes) ressaltaram que as escolhas que fazem sofrem a influência de suas mães, mesmo que isto não seja verbalizado, na tomada de decisões, na vivência da fé e na maneira de se comportarem. Ainda que não decidam de acordo com o que consideram ser a vontade materna, há uma voz do tipo “o que ela vai achar?”. Por outro lado, a percepção materna do comportamento da filha pode ser um estímulo para suas realizações.

“Eu acho que eu sempre quis ser muito mais para mostrar para ela, que eu não era aquilo que ela achava que eu fosse. Então eu sempre procurei superar tudo aquilo que ela falava de negativo de mim e transformar em coisas assim positivas” (Ky, filha casada comentando como as críticas maternas a influenciaram).

O modo de vida das mães é uma referência principalmente para as filhas casadas (três participantes), como a vivência da fé e o casamento dos pais.

“Eu vejo a vida deles, que eu acho bonito para caramba, sabe? Eu falo, eu acho que nunca os vi sem estarem juntos” (A, filha casada analisa o casamento dos pais).

O modo como percebem o relacionamento entre elas é uma referência para como mãe e filha compreendem a influência de uma na vida da outra. O casamento parece aproximá-las quanto à percepção da influência. Embora, a nossa cultura valorize a hierarquia, ou seja, seria mais “natural” a influência das mães sobre as filhas, este parece ser um dos aspectos mais simétricos entre elas. Mães e filhas se influenciam de maneira bem similar, entretanto em aspectos diferentes.

A influência no relacionamento entre mãe e filha, embora presente, nem sempre é algo explícito, o que pode provocar a sensação de estar comportando-se de maneira inoportuna, gerando exigências.

De modo geral, as mães declaram que as suas filhas cobram muito mais delas, chamando a atenção quanto a atitudes e comportamentos. Muitas vezes, as mães evitam falar alguma coisa para que não sejam cobradas. Mais do que cobranças, as mães se declararam preocupadas com as filhas; por isso querem saber se está tudo bem na vida de casada das filhas, se estas estão estressadas com o trabalho e como vai a saúde. Fazem isto, com interesse em ajudar e reconhecem que na sua relação com a filha adulta é comum haver exigências. Assim, três mães de filhas casadas consideram que para as filhas pode se pedir tudo, embora muitas vezes receiem fazer algumas solicitações. Ou seja, as mães esperam que as filhas adultas tenham disponibilidade para elas, todavia, isto parece ser evidente somente para as próprias mães.

“Às vezes eu cobro dela assim, eu falo assim: “Filha, já que eu...” Mas eu acho que isso assim, eu até parei, acho que é egoísmo da minha parte. Às vezes eu falo assim: “Filha, você compra tanta coisa para você e nada para mim”. Isso aí é de mãe mesmo, né? (*risos*)” (Mãe, mãe de filha casada relatando que espera um determinado comportamento da filha em relação a ela).

As mães de filhas solteiras (duas participantes) demonstraram sinais de cobrança na relação com suas filhas. Elas, geralmente, se colocam no papel da mãe sacrificada, ou seja, as filhas sempre estão em primeiro lugar, fizeram tudo por elas, dedicaram suas vidas à criação das filhas e, então, merecem que as filhas se dediquem mais a elas. Estas mães, também, apresentaram muito medo que as filhas sofram com o mundo fora do ambiente doméstico, pois as filhas não

têm medo de nada, não percebem que o mundo é perigoso. Assim as mães costumam chamar a atenção, cobrar delas que tenham cuidado, pois “lá fora”, não há como protegê-las. Assim como as mães de filhas casadas comentaram, estas mães acham que suas filhas são muito exigentes com elas e estão sempre corrigindo alguma coisa, seja o modo de falar ou de agir em determinada situação e isto as aborrece.

Por outro lado, as filhas também relataram como a exigência influencia a relação. Para três das filhas casadas, suas mães são preocupadas demais e sempre cobram suas atitudes em relação às pessoas, com o trabalho e como elas se comportam em relação ao marido e à sogra. Estas filhas têm dificuldades em compreender o ponto de vista materno (Martini, Grusec & Bernardini, 2001). Mas se reconhecem como mais exigentes e menos tolerantes com as mães do que o contrário.

“Hoje, quem é exigente sou eu. Como eu sou exigente com ela. Os papéis mudaram. Eu sou muito mais exigente com mamãe hoje. Eu tenho repensado muito minha postura porque acho que eu sou muito dura com ela” (Jul, filha casada analisando seu comportamento em relação a mãe e como procura influenciá-la).

Já as filhas solteiras não se percebem cobrando as suas mães. As filhas solteiras entrevistadas (quatro participantes) que comentaram sobre as cobranças disseram que as mães reclamam do fato delas ficarem muito tempo fora de casa nos fins de semana, na casa do namorado ou de amigas, e ser muito bagunceira. Mas, as filhas não parecem levar as mães à sério quanto a estas exigências. Aliado a isto, há o fato de que as mães, por medo, se preocupam demais e,

muitas vezes, querem limitar suas saídas, o que provoca atrito e mais cobranças entre elas.

Ela reclama, me cobra direto, mas eu sempre vou deixando... Não cobro as coisas... Eu uso muito o banheiro dela, joga as coisas de baixo da pia, vou trocar uma roupa e deixo tudo bagunçado outra vez. Isto ela cobra direto... Mas só reclama, "um dia isto vai acabar!", "vai, no dia que eu mudar de casa" (K, filha solteira relatando como a mãe exige mudanças no relacionamento).

A influência social, no relacionamento entre mãe e filha adulta, parece estar relacionada ao ato de uma inspirar a outra a melhorar os seus padrões. Quando isto não ocorre ou mãe e filha não conseguem se desprender de expectativas de como a outra deveria se comportar, temos a exigência.

Segundo Fingerman (1996), as exigências são fontes de tensão para o relacionamento entre mãe e filha adulta. Em sua pesquisa, quase metade das filhas participantes viu suas mães como exigentes e intrusivas. Mas, em comparação, poucas mães perceberam o mesmo. Os nossos dados demonstram que a maioria das filhas (sete participantes) percebe que há exigências no relacionamento entre mães e filhas. Somente cinco mães comentaram sobre este aspecto da influência.

## **2. COOPERAÇÃO**

O relacionamento entre mãe e filha adulta é composto de afetos que geram sentimentos positivos e negativos que influenciam a interação entre elas. No desenvolvimento da relação, mãe e filha compartilham idéias, atividades, atitudes e interesses, o que estabelece uma relação de cooperação entre elas.

Em várias sociedades, os laços entre mãe e filha são descritos como extremamente íntimos e compostos de companheirismo, cooperação mútua e positivamente valorizada tanto pela mãe quanto pela filha (Chodorow ,1979).

Os dados obtidos revelaram que a cooperação entre mãe e filha adulta está relacionada aos sentimentos presentes na relação, à frequência de contato, aos valores partilhados e às expectativas que têm sobre os seus papéis como mãe, filha e mulher. Para compreendermos melhor como estes fatores influenciam a cooperação entre mãe e filha adulta, analisaremos como se dá a relação de ajuda, a troca de opiniões e a cumplicidade no relacionamento entre elas.

### **2.1 Modalidades de Cooperação: Ajuda, Opinião e Cumplicidade**

A ajuda faz parte da dinâmica do relacionamento interpessoal, sendo um dos focos principais nos estudos intergeracionais, principalmente, invocando o papel de cuidadora da filha quando a mãe está com problemas de saúde em diversos estágios. Mas, antes de chegar a este momento da relação, há um processo que se desenvolve ao longo do relacionamento e acreditamos que o a cooperação é resultante da reciprocidade vivenciada por mãe e filha quando são adultas e, relativamente, autônomas.

A maioria das mães (oito participantes) e todas as filhas adultas se vêem como um ponto de apoio importante e as díades relataram contar uma com a outra em vários momentos de suas vidas.

Três mães de filhas casadas informaram que a relação de ajuda entre elas e suas filhas acontece quando uma precisa da outra. Neste sentido, a percepção destas mães indica que suas filhas sempre as ajudam, mas que elas não precisam tanto de ajuda. As mães se vêem como a pessoa que as filhas devem recorrer quando estão com problemas de saúde, principalmente. De modo geral, as mães disseram que as filhas casadas ajudam com suas opiniões sobre roupas e compra de presentes (mesmo que não compartilhem as mesmas preferências) e assuntos cotidianos que elas não se sentem muito seguras. Gostam de saber o que as filhas pensam, pois consideram que suas decisões, de alguma maneira, têm impacto na vida das filhas. Ou seja, as mães consideram muito a opinião das filhas sobre os mais diversas situações, sendo a troca de informações entre elas uma maneira de estarem se ajudando.

“Você acha que a roupa assim está boa? Você acha que se eu colocar isso assim combina?”. E isso daí minha filha me ajuda mesmo. A gente tem toda confiança. E também às vezes a gente tem assim um pouco de... na hora que for sair eu gosto de perguntar. (...) Então eu quero sempre saber dela se está certo, se é legal colocar isso, colocar aquilo “ (N, mãe de filha casada que sempre busca a ajuda da filha e suas opiniões).

Financeiramente, algumas mães ajudaram suas filhas no início do casamento e uma das mães recebe o auxílio da filha casada, eventualmente, para as despesas da casa. Mas, de acordo com os dados obtidos, a vida financeira é mais partilhada quando as filhas são solteiras. Outro ponto em comum entre mães de filhas casadas e solteiras é a troca de opinião sobre roupas. Mas as mães de filhas solteiras consultam as filhas adultas sobre compras tanto pessoais quanto relacionadas à casa, assim como sobre dificuldades que envolvam toda a família.

De acordo com todas as mães de filhas solteiras, estas ajudam nas atividades domésticas. Mesmo não tendo tempo, as filhas participam muito dos acontecimentos de dentro de casa. A ajuda pode não se dar de maneira concreta, mas parece que as mães sentem-se apoiadas por suas filhas adultas e com elas dividem o universo doméstico. Estas mães não demonstraram a menor reserva quanto à relação de ajuda envolvendo as suas filhas e se mostraram dispostas a facilitar a vida delas, desde cuidar de suas coisas em casa, como a roupa, por exemplo, até fazer serviços bancários e emprestar algum dinheiro quando as filhas se encontram em dificuldades. O telefone é um mediador importante nestes acordos, pois, é através dele que as filhas solteiras fazem as solicitações às mães, pedem opiniões sobre o trabalho, sobre o que fazer ou como lidar melhor com uma determinada situação profissional.

Um outro ponto que as mães destacaram foi a gratidão, e até mesmo um constrangimento que sentem, pelo fato das filhas solteiras “pararem” suas vidas para ajudá-las.

“Ah, eu fiz uma cirurgia tem quatro meses. Aí eu descobri assim como que ela é amiguinha, minha filhinha. Porque ela ficou o tempo todo do meu lado, tadinha. Me ajudou, me deu banho, como uma enfermeira. Fiquei morrendo de vergonha” (An, mãe de filha solteira comentando sobre como a filha sempre a ajuda, exemplificando como se sente).

Todas as filhas consideraram as mães como fundamentais quando estão com alguma dificuldade e assim se vêm para as suas mães também, além de valorizarem a disponibilidade materna em ajudar e tentar compreender as mais diversas situações.

No caso das filhas casadas, todas também consideraram que a ajuda faz parte do relacionamento entre elas e suas mães, em questões ligadas à saúde, situações domésticas (como comprar alguma coisa), na orientação sobre a relação materna com os irmãos, por exemplo. Elas disseram que gostam de saber o que as mães pensam sobre diversas situações que envolvam suas vidas pessoais e profissionais. Mas, ponderaram que as mães buscam mais ajuda e opiniões sobre o que fazer.

“Às vezes não é nem a consulta, tipo assim, não é mais aquela consulta “só vou fazer se ela concordar”. Mas de querer ouvir a opinião dela. Isso tanto para minha vida pessoal, quanto para minha vida profissional” (Jul, filha casada relatando em que momentos a mãe coopera com alguma opinião).

Embora a relação de ajuda e a troca de opiniões sejam consideradas como parte do relacionamento de cooperação entre mãe e filha adulta, o fato de não morarem mais na mesma casa diminui a obrigatoriedade da ajuda, destacaram as filhas casadas em seus depoimentos.

Todas as filhas solteiras solicitam alguma cooperação materna, desde assuntos práticos como serviços bancários e levar o carro na revisão, até situações mais complexas, como tomar alguma decisão, dicas para melhorar no trabalho e como se comportar em determinada situação, por exemplo. Segundo as filhas solteiras, suas mães demonstram boa capacidade de análise e, por isso, são boas conselheiras e vale a pena solicitar sua ajuda quando estão em dificuldades.

As filhas solteiras também ajudam suas mães nas decisões ligadas às compras e à casa ou quando estão com problemas financeiros. Ainda auxiliam no

trabalho materno e, em contrapartida, as filhas solteiras comentaram que as mães as incentivam a realizar as coisas e a gastar menos dinheiro, por exemplo. Além disto, saber que as mães estão por perto ajuda as filhas a se arrisarem, pois sabem que elas ajudarão no que for preciso. Para as filhas solteiras, o relacionamento entre elas e suas mães é resultado de uma relação de ajuda, pois as mães as apoiam e contribuem para melhorar sua auto-estima.

“O que puder eu deixo de comprar para mim para comprar para ela porque eu tenho certeza que ela fez muito isso. Então questão financeira, questão de saúde. Qualquer coisa, a gente se ajuda. O que a gente puder fazer uma pela outra... estamos dispostas” (L, filha solteira descrevendo a cooperação entre ela e sua mãe).

A cooperação entre mães e filhas envolve, de acordo com os dados, a relação de ajuda, a troca de opiniões e a busca para facilitar uma a vida da outra. Diante disto, mãe e filha adulta no auxílio mútuo se percebem, muitas vezes como cúmplices, segundo algumas entrevistadas.

As mães de filhas solteiras não comentaram sobre a presença de cumplicidade no relacionamento acham que é a cumplicidade da relação entre mãe e filha que a diferencia do relacionamento entre pai e filha. O universo feminino é um incentivo à cooperação, segundo as mães de filhas casadas, e funciona como mediador para a comunicação entre mãe e filha.

As filhas argumentaram que a cumplicidade é um elemento importante para a relação entre mãe e filha. Três filhas casadas consideraram que a cooperação está mais presente no relacionamento entre mãe e filha adulta devido à afinidade que há entre elas. A experiência materna é um fator importante de cooperação, pois elas já experimentaram situações pelas quais as filhas estão passando ou

ainda passarão. Assim, para as filhas casadas, o tempo vivido das mães é um elemento importante para a relação de ajuda, além da afinidade, trocas de informação, proximidade e a vida de casada. A reunião destes elementos permite que elas se compreendam quase que instantaneamente e possam se ajudar, para criar situações de manipulação dos pais, por exemplo.

“Papai é uma pessoa muito cabeça dura, ele só faz o que ele quer. Então às vezes nós temos alguns segredos para fazer algumas manipulações para papai fazer aquilo que a gente quer, achando que é ele que quer fazer. Entendeu? Depois ele se acha marginalizado, porque ninguém conta as coisas para ele” (Jul, filha casada exemplificando a diferença entre a relação com a mãe e com o pai).

De acordo com duas filhas solteiras, esta aliança com as mães é fruto da presença contínua das mães em suas vidas, sempre as ajudando, ensinado a serem mulheres. A identificação entre elas colabora para que sejam cúmplices e entendam melhor o que ocorre na vida de cada uma. Sentir que há um laço de confiança no relacionamento entre mãe e filha adulta é gratificante para as filhas, pois elas sabem que as mães sempre as ajudarão.

“Nesse lado do segredo, a gente tem muita cumplicidade. Tem coisas eu só eu e mamãe sabemos. Então nessa hora é muito legal porque aí a gente fica cúmplice mesmo uma da outra. Existe sim os segredos só nossos, que a gente fica uma tentando ajudar a outra. Então essa é uma parte legal no relacionamento, é uma parte que demonstra confiança. É uma coisa que só ela sabe, que ninguém mais sabe, só eu que sei, só eu e ela” (U, filha solteira analisando a cumplicidade na relação).

Nas conversas do dia-a-dia, na ajuda mútua e na relação de cumplicidade, mãe e filha adulta procuram estreitar os seus laços afetivos para a manutenção do relacionamento. Contudo, observamos como este processo pode apresentar momentos de dificuldades abaixo.

## 2.2 Problemas na Cooperação

Como os dados mostram, a cooperação é parte da vida cotidiana entre mãe e filha adulta. Contudo, muitas vezes, há interferências neste processo que geram dificuldades para o relacionamento entre elas.

No extremo, a relação de ajuda pode ser resultado da inversão entre os papéis de mãe e filha, ou seja, ao invés de serem ambas adultas e autônomas, as mães “regridem” em relação às filhas. As filhas assumem o lugar de cuidadoras, pois as mães necessitam de cuidados especiais. Este é um momento delicado do relacionamento entre mãe e filha adulta e já discutimos os pontos principais na introdução do trabalho ao apresentarmos a literatura existente. Retomamos aqui algumas preocupações apresentadas pelas nossas entrevistadas.

Somente mães de filhas casadas e o grupo das filhas consideraram que há algum problema na relação quanto à cooperação. Elas questionam, principalmente, o fator tempo que impede que as filhas estejam mais próximas e possam ajudá-las.

Metade das mães de filhas casadas (duas participantes) trouxe a preocupação com o futuro e a possibilidade de necessitarem de cuidados especiais quando envelhecerem e, desta maneira, interferir na vida de suas filhas, sendo que uma das mães comentou que sua filha já faz menção a isto como parte do relacionamento delas: “sou eu que tenho que tomar conta de vocês agora”.

Com o tempo sendo um dos maiores empecilhos para a cooperação entre mães e filhas adultas, temos a seguinte declaração:

“Eu tinha uma convivência muito maior com a mamãe, podia ajudá-la mais ... Mas não é pela questão do casamento somente, é a questão do doutorado, do trabalho e eu sinto um pouco de falta disto. Tinha muito aquela coisa de comprar presente, a gente saía muito juntas no meio da semana. Hoje não tem mais isto, às vezes, mamãe me pede as coisas e eu não tenho tempo e aí dá aquela certa confusãozinha. Nem sempre dá para cooperar” (A, filha casada analisando como a maneira que sua vida está organizada influencia na relação com a mãe).

Conforme três das filhas casadas, um dos problemas em ajudar as mães é que estas não são diretas para pedir alguma coisa. Assim quando isto finalmente ocorre, as filhas estão irritadas com os rodeios maternos. Muitas vezes, elas se chateiam ao perceberem que as mães não compreendem os motivos que impedem de ajudá-las, ou seja, as filhas consideram que as mães, em algumas situações, entendem a cooperação como obrigação. Mas, como não moram mais na mesma casa, as filhas casadas não se sentem sempre responsáveis em fazer exatamente o que as mães exigem.

Somente uma filha solteira fez observações a respeito das dificuldades na cooperação entre mãe e filha adulta. Elas acham que as mães são esquecidas e quando não fazem o que as filhas pedem, elas ficam irritadas, além de prejudicar a cooperação entre mãe e filha. Segundo as filhas, outra dificuldade é a maneira de pensar materna que não permite a troca de opiniões entre elas devido à incompatibilidade.

“Às vezes eu peço um negócio para ela ficar mais esperta, aí ela não faz e isso me irrita tremendamente, muito, muito, muito. Mas eu acho que é só. Só quando eu peço para ela fazer uma coisa e ela não faz. E a questão da opinião, isto eu já evito mesmo” (I, filha solteira considerando algumas dificuldades que há no relacionamento).

A questão do gênero que foi classificada anteriormente como fator de cumplicidade e cooperação também foi considerada fator de competição. De

acordo com os dados, as mulheres concorrem mais entre si, mesmo que sejam mãe e filha.

As interferências que promovem a falta de cooperação estão diretamente ligadas aos fatores que dificultam o diálogo e o contato entre mãe e filha como tempo, dificuldade de comunicação e competição.

A cooperação parece derivar da adaptação entre as necessidades individuais e os interesses do outro para a manutenção do relacionamento entre mãe e filha que, por sua vez, parecem influenciar a relação em um processo circular que atua sobre a cooperação.

Na dinâmica do relacionamento entre mãe e filha há momentos em que elas sentem o impacto do que consideram como pensamento e sentimento da outra. Assim, mãe e filha se influenciam mutuamente devido à influência da prescrição social de seus papéis e isto vai interferir na cooperação entre elas. Este processo tem momentos de solidariedade e obrigação como descrevemos acima.

## **VI. A PERCEPÇÃO DO RELACIONAMENTO**

A percepção que mãe e filha adulta têm do relacionamento interfere nas interações entre elas, uma vez que estas dependem de como cada uma percebe a si mesma, a outra e a relação, juntamente com suas expectativas e o nível de compreensão que há entre elas. Como se trata de um relacionamento de longo prazo, mãe e filha partilham a possibilidade de se conhecerem mais ao longo do tempo e preverem algumas reações uma da outra, o que influenciará na forma como vêem o relacionamento.

Contudo, isto não significa que a percepção do relacionamento seja compartilhada, porque, segundo Fingerman (1995), os pais tendem a ver mais compatibilidade no relacionamento entre eles do que os filhos. Como mãe e filha adulta percebem a relação é muito importante, pois tal percepção será a base para o relato de como é o relacionamento interpessoal (Hinde, 1997).

Três aspectos se destacaram na forma como mãe e filha percebem o relacionamento: a percepção da relação como uma amizade, admiração e crítica, e acertos e equívocos.

### **1. AMIZADE E SEUS OBSTÁCULOS**

As relações de amizade se caracterizam por serem voluntárias e não estarem relacionadas à quantidade de interações (Hinde, 1997). Devido aos sentimentos positivos que socialmente estão associados à amizade e às mudanças na estrutura familiar valorizando os laços afetivos, a amizade, ao

menos em parte, tornou-se um elemento desejado nos relacionamentos entre pais e filhos.

Aos descreverem as qualidades de sua relação com uma filha adulta, as mães destacaram a amizade como um componente do relacionamento. Particularmente, no caso das mães de filhas casadas, duas delas, ao tratar da amizade, se referiu ao diálogo, especificamente quanto à possibilidade de conversarem de igual para igual, tendo em vista que ambas são adultas. Além disto, a amizade foi indicada como a certeza de se contar com o apoio da filha quando necessário. Contudo, não há como esquecer que, além de amigas, são mães e filhas que interagem.

“Nossa amizade, além de ser mãe e filha, é uma amizade limpa, pura, sincera, verdadeira, uma coisa boa que uma passa para outra. Eu só tenho que agradecer a ela a ajuda para criar essas duas garotas” (M, mãe de filha casada explicando como é amizade com a filha).

Três mães de filhas adultas solteiras se consideraram muito amiga de suas filhas, pois se conhecem bem e as filhas sempre comentam o que está ocorrendo na vida delas. Todavia, esta amizade não pode ser considerada típica, pois mãe e filha não conversam sobre as mesmas coisas que conversam com outros amigos. As filhas, por exemplo, não falam sobre seus namorados. Este é um assunto que, de acordo com as mães, as filhas são avessas a partilhar com elas. Conforme a declaração de uma das mães: “união é diferente de amizade, no relacionamento entre mãe e filha existe mais o primeiro caso”.

No caso das filhas, o tema amizade apareceu nas entrevistas de duas filhas casadas. Elas consideraram que, atualmente, se relacionam com as mães sem hierarquia, o que propiciaria a amizade, facilitaria a compreensão e o diálogo.

Para as filhas, o fato de serem adultas e casadas também contribuiu para a amizade, que, anteriormente, nem sempre era possível conviver desta maneira.

“Acho que as mudanças foram gradativas na nossa relação. Eu acho que hoje, por exemplo, a gente conversa um pouco mais de igual para igual, é mais assim... A nossa conversa, pelo menos assim para mim, é mais descontraída. É mais sem reservas, mais amiga, flui naturalmente” (Jul, filha casada analisando as mudanças no relacionamento com a mãe).

Duas das filhas solteiras associaram a relação entre elas e suas mães com amizade. Para elas, ser amiga das mães significa a possibilidade de conversar sobre tudo, o que nem sempre ocorre. Apontam algumas reservas, decorrentes do fato de ser amiga e também ser mãe. Por exemplo, não conversam sobre sexo com a mãe ou falam palavrão perto dela (e também esperam o mesmo das mães), o que costuma fazer parte da relação com outras amigas. Mesmo com estas reservas, há uma ligação forte entre elas. Três filhas solteiras e uma filha casada, mesmo estando sempre próximas das mães, dialogando em busca de conselhos, não associaram o relacionamento entre elas e amizade.

A afetividade apareceu como um aspecto particular ao se falar de amizade no relacionamento entre mãe e filha adulta. Entendemos por afetividade, a vontade de manifestar o carinho ou a expressão do mesmo, seja em palavras ou contato físico. Contudo, esta questão surgiu somente para as filhas casadas e suas mães.

Todas as mães de filhas casadas comentaram sobre momentos afetivos entre elas e suas filhas, que para as mães indicam a amizade e a proximidade entre elas. Ou lamentam a ausência desta afetividade. Elas relatam a existência

de contato físico como: abraços, beijos e manifestações de carinho, como ficarem deitadas juntas, ou a saudade que sentem da filha.

Três filhas casadas ressaltaram o aspecto afetividade em relação à amizade. Algumas delas abraçam as mães, compram presentes, falam coisas boas e pedem desculpas quando estão erradas como uma maneira de mostrar às mães que gostam delas. Contudo, as filhas acham que há pouco contato físico, este é feito de maneira formal quando se cumprimentam, e que deveriam falar para as mães “eu te amo”, pois este comportamento faz parte da relação delas com os maridos e mesmo com alguns amigos, mas não no relacionamento entre elas e suas mães.

Além da afetividade, as características pessoais das mães e filhas surgiram como aspectos que as afastam, prejudicando a amizade. Para as mães, algumas vezes, as filhas têm atitudes que provocam o distanciamento. No caso das mães de filhas casadas, duas delas comentaram que as filhas são “mandonas e estressadas”. Quando as filhas estão mais agitadas, as mães chegam a pensar em se distanciar delas para evitar conflitos, o que é passageiro. Uma das mães entrevistadas sintetizou este momento da seguinte forma: “não consigo ficar longe, eu vejo e me derreto”.

Para quatro das mães de filhas solteiras, as suas filhas são reservadas demais não permitindo que as mães conheçam o que elas realmente pensam ou estão sentindo. Além disto, as mães comentaram que as filhas são voluntariosas e teimosas. Quando desejam algo deve ser conforme a vontade delas e, quando não conseguem, se trancam no quarto. De acordo com as mães entrevistadas, o quarto das filhas é o local de refúgio, para onde estas vão quando não querem ter

contato com elas, seja por cansaço, trabalho ou por estarem chateadas. As filhas solteiras costumam se isolar, disseram as mães.

“Ela não é aquela pessoa de falar. Ela é quieta, calada. Então quando eu vejo, ela mais quieta e calada, eu a deixo de lado. Porque se eu for conversar com ela, ela começa a chorar e chorar, não fala nada”. (R, mãe analisando as atitudes de filha solteira)

Outra característica das filhas solteiras que incomoda as mães (e dificulta a amizade) é a “bagunça” que fazem em casa, o que gera reclamações e estresse por parte das mães. Por outro lado, as filhas crêem que isso é algo normal, que faz parte da relação entre elas e não pensam em mudar.

Somente uma mãe de filha solteira relatou um aspecto pessoal que atrapalha a amizade entre elas. No caso, a mãe tem problemas com álcool. Apesar de contar com a ajuda da filha e estar se controlando, isto, às vezes, promove alguns transtornos na relação entre elas.

Para as filhas há vários fatores que impedem a reciprocidade de afeto com suas mães; o que para as quatro filhas casadas está relacionado com as diferenças de contexto de vida e nível de escolaridade; infantilidade materna e mães com tendências depressivas ou expansivas demais. Ou seja, diferenças de personalidade entre elas e suas mães dificultam a amizade.

As filhas casadas também percebem nelas mesmas algumas características pessoais que atrapalham o relacionamento. Elas são impacientes e, muitas vezes, têm dificuldade em ouvir suas mães. As filhas consideraram que isto, talvez, venha da proximidade entre elas e sabem que, muitas vezes, agem ou falam com as mães de maneira menos tolerante do que o fazem com outras pessoas, mesmo outros membros da família.

“Eu acho que isto de eu saber ouvir mais, sem ter logo uma resposta. Não é porque é minha mãe que está pedindo que posso dar uma patada porque eu não tenho tempo. Eu não faço isto com outra pessoa. Eu acho que não tem que justificar, “ah, o fato de que é porque isto vem da segurança, do amor...” Eu acho que não justifica, eu acho posso ter uma melhoria neste aspecto para a nossa relação” (A, filha casada questionando as suas atitudes).

Quatro das filhas solteiras considerou algumas características pessoais como barreiras para um relacionamento amistoso com suas mães. Algumas disseram que são “bagunceiras” e isto é motivo de irritação materna. Além disto, as filhas se auto-analisaram como “estouradas” e “muito fechadas”; características que dificultam o diálogo com as mães.

Algumas filhas solteiras apresentaram questões específicas da relação com suas mães, como achar a mãe preconceituosa, impossibilitando uma amizade entre elas. Outra comentou as variações de humor da mãe em decorrência de problemas com o álcool e a menopausa, como fatores que dificultam a relação.

As filhas solteiras distinguem mais claramente a amizade com as mães da amizade com outras pessoas. Entre os pontos de divergência, destacam a preocupação com o que as mães pensam, procurando evitar qualquer conflito ou não corresponderem com as expectativas das mães em relação a elas.

“Quando a gente está conversando com uma amiga, a gente não tem muito medo do que ela vai pensar da gente. Pelo menos no meu caso. Agora quando eu estou pensando num assunto que eu falo com mais facilidade com uma amiga, quando eu vou falar com a minha mãe eu sinto que tem uma coisa de “o que será que ela vai pensar? Será que ela vai gostar, não vai gostar?” E, pelo menos eu tento fazer de tudo para que ela me aprove, para que ela goste de mim, para que ela não se decepcione” (U, filha solteira comentando sobre os obstáculos da amizade materna).

Aparentes diferenças entre uma amizade típica e a “amizade” foram relatadas entre mãe e filha. Apesar de mãe e filha se considerarem como amigas;

alguns pontos desta relação parecem diferir de uma relação típica com uma amiga, como no caso de alguns temas tratados. A relação entre mãe e filha tem limites mais estreitos; assim alguns comportamentos e assuntos não são aceitos. Neste caso, a amizade no relacionamento entre mãe e filha adulta pode ser entendida como reciprocidade de afeto e comportamento. Quando mãe e filha se percebem como “iguais”, com atitudes mais simétricas, elas se consideram amigas.

## **2. ADMIRAÇÃO E CRÍTICA**

Um dos aspectos que se destacou na percepção do relacionamento entre mãe e filha foi a avaliação do outro, seja de admiração ou crítica. Independentemente da qualidade de uma relação, coexistem sentimentos (e opiniões) positivos e negativos acerca da pessoa com que se relaciona.

As mães admiram a relação que estabeleceram com as filhas e esta apreciação faz com que vejam o relacionamento entre elas e suas filhas como diferente das outras relações que conhecem entre mãe e filha adulta. Apesar disto, não foi fácil para elas demonstrarem como admiram a relação ou a filha.

Somente uma mãe de filha casada manifestou admiração pela filha em vê-la como dona de sua própria casa e ainda conciliar trabalho com estudo buscando cada vez mais se desenvolver intelectualmente. Ainda ressaltou o relacionamento e a proximidade entre as duas como algo especial.

Três mães de filhas solteiras comentaram a admiração que sentem por suas filhas adultas, manifestando a vontade de possuir, em si mesmas, as qualidades que percebem nas filhas. Estas mães consideraram as suas filhas

como mulheres maduras e equilibradas, seguras na atuação profissional, e que sabem o que querem. Para aquelas que a amizade é parte da relação, o relacionamento com as filhas é ainda mais valorizado.

“Ela é uma menina muito equilibrada, mas é o jeito de ser dela e se ela acha que alguma coisa deve ser... Acaba ficando do jeito dela mesmo. Ela impõe, sabe. Ela dá muito dela, mas ela se impõe, sabe?” (G, mãe de filha solteira admirando a personalidade da filha)

As filhas demonstraram orgulho e admiração pelas mães em vários momentos da entrevista. Segundo elas, em um primeiro momento, a vida adulta faz com que as mães percam um pouco do prestígio. Mas, à medida que foram se percebendo como mulheres adultas, as filhas recuperaram a admiração que sentiam pelas mães. Isto revitalizou a relação e sua importância para suas vidas.

Diante disto, duas das filhas casadas relataram que as mães são mulheres fortes e guerreiras, sensíveis, que fazem tudo com carinho, não “batem de frente” para conseguir as coisas, sendo sempre compreensivas, mesmo quando elas são hostis com as mães. As filhas casadas também se referiram ao casamento dos pais como algo que admiram, servindo de referencial para suas vidas.

Para três das filhas solteiras, as mães são mulheres sempre disponíveis para ajudar e “batalhadoras”, qualidades que as filhas gostariam de ter. Um outro aspecto da admiração que sentem pelas mães é o “poder sobrenatural” que as mães têm. Isto é, as mães são capazes de adivinhar quando algo está acontecendo e elas sempre tomam cuidado com os avisos maternos, pois eles se realizam. Para as filhas solteiras, o que é admirável no relacionamento com suas

mães é a dedicação e a segurança emocional que a relação proporciona, algo que não se encontra em outros tipos de relacionamentos interpessoais.

“Eu acho que é mais o fator da segurança mesmo, de que toda vez que eu precisei de alguma coisa, eu procurei em todos os lugares e no final, sempre conseguia em casa. Então, agora por isto nem tento ir aos outros lugares venho direto em casa. Estando sobrecarregando até certas vezes, por que todo mundo na rua tem suas coisas para fazer, não que você vai chegar em casa e pedir para fazer, que vai fazer” (K, filha solteira falando sobre o diferencial do relacionamento com a mãe).

Reportar críticas à relação entre mãe e filha foi mais fácil para as entrevistadas do que apontar os aspectos de admiração. Contudo, as críticas foram mais voltadas para os aspectos pessoais e não para a relação com um todo.

As mães fizeram críticas às filhas e a elas mesmas dentro do relacionamento. Setenta e cinco por cento das mães de filhas casadas criticaram a “mania” das filhas de chamarem sua atenção (como apontar erros ou corrigir a mãe em público). Embora isto incomode as mães, elas não respondem ou retrucam.

Para três mães de filhas solteiras, há uma diversidade maior de críticas e ambas se alternam neste papel. As mães de filhas solteiras indicaram que as filhas criticam o tratamento dado aos outros irmãos e certos hábitos da mãe (como fumar, por exemplo). Já as mães reclamam do consumismo das filhas e o excesso de independência. Muitas vezes, as mães não se sentem devidamente informadas ou reconhecidas como ainda sendo uma figura de autoridade. Para estas mães, as filhas têm dificuldade em aceitarem críticas.

“Ela compra muita roupa. Compra, ela não precisa e ela compra, e depois ela tira, ela dá pros outros. Ela adora dar. Então eu falo: “minha filha, mas para que você compra tanto sapato? Para que você compra tanta roupa?” Depois eu falo: “Ah não tenho nada com isso” (M, mãe de filha solteira em um momento de crítica à filha).

As filhas são mais severas com as mães e comentaram sobre vários aspectos da maneira de ser das mães que as desagradam. Porém, as filhas evitam manifestar suas opiniões para as próprias mães.

Todas as filhas casadas fizeram críticas às mães. Para elas, as mães, por vezes, falam demais e em momentos inoportunos. Mesmo que as mães estejam certas, as filhas não gostam de ser criticadas ou que as mães opinem quando não solicitadas. Assim, muitas filhas evitam emitir opiniões sobre a vida das mães como um meio de ensiná-las a fazer o mesmo e não prolongar situações que geram problemas para o relacionamento. As filhas casadas também se preocupam muito com a aparência materna e tentam incentivá-las a se arrumarem mais.

As filhas solteiras (três participantes) costumam corrigir as suas mães, algo que para as mães é irritante, mas que as filhas acham necessário. Elas citaram ainda a rigidez quanto a alguns pensamentos e comportamentos, como julgar as pessoas pela aparência; a falta de paciência em algumas atividades conjuntas, como cozinhar; e o fato das mães serem prolixas e conversarem alto.

As interações entre mãe e filha adulta promovem momentos de admiração e crítica da relação, delas mesmas e da outra. Muitas vezes, experimentam contradições na forma de perceber o relacionamento, que afetam as interações futuras. As contradições, todavia, são parte da dinâmica do relacionamento interpessoal.

À medida que mãe e filha demonstram admirar umas as outras, elas reforçam o laço entre elas. Porém, as críticas podem ser um importante mediador para a convergência se conseguirem positivar e resolver as questões apresentadas. Entretanto, este parece ser um processo individualizado; uma vez que mãe e filha não apresentam o hábito de se elogiarem ou se criticarem, de maneira positiva, o que provoca uma percepção distorcida da relação, minimizando alguns aspectos e valorizando outros, mesmo que eles sejam positivos ou negativos para o relacionamento.

### **3. ACERTOS E EQUÍVOCOS**

As mães e as filhas entrevistadas apreciam a relação que compartilham, sentindo-se beneficiadas por algumas ações que desempenharam ou têm desempenhado ao longo do desenvolvimento do relacionamento. Apesar destes momentos, considerados como acertos, há situações equivocadas que provocam arrependimentos.

As mães acreditam na educação que deram às filhas e vêem isto como o fio condutor que levou suas filhas adultas a serem como são hoje, o que é fonte de orgulho.

A maioria das mães de filhas casadas (três participantes) falou da educação como um investimento certo e bem aproveitado pelas filhas. Além do aspecto formal, as mães ressaltaram a educação cotidiana originada da convivência familiar, dos valores compartilhados como honestidade e respeito aos outros e a religião.

Embora a educação também seja importante para três das mães de filhas solteiras, estas citaram também os valores familiares, como o respeito aos outros (incluindo elas mesmas), dar liberdade e não se intrometer na vida das filhas. As mães de filhas solteiras comentaram que, em alguns momentos, foi necessário abrir mão de interesses pessoais em detrimento das filhas, mas que isto proporcionou o melhor a elas, mas a realidade atual das filhas mostrou que valeu a pena.

Quanto às filhas adultas, não há um consenso sobre os acertos presentes no relacionamento entre mãe e filha. Para três filhas casadas, a educação e a importância do trabalho são valores certos em suas vidas graças à relação com suas mães. Mas também apresentaram como atitudes acertadas: sair de casa para casar e estabelecer limites claros. Estes acontecimentos, segundo as filhas, facilitou a convivência entre elas.

Somente duas das filhas solteiras citaram os acertos presentes na relação, mas também não é uma opinião unânime. Algumas consideraram que o relacionamento é baseado em liberdade e que isto é bom para aproximá-las como amigas. Outras citaram o aspecto do cuidado materno e a presença constante em suas vidas para apoiá-las e orientá-las.

Considerar o que é certo dentro de uma relação parece ser algo particular e dependerá do contexto, das expectativas e da história de cada relacionamento. Os equívocos não parecem seguir esta mesma lógica.

As mães não consideraram que cometeram erros ou que haja situações equivocadas na relação entre mãe e filha, exceto no caso de mães com filhas casadas. Uma mãe declarou que prestava pouca atenção à filha. Embora isto

tenha ajudado na independência da filha, hoje, ela percebe que a filha precisou muito dela e, por mais que sejam próximas agora, é algo irrecuperável.

Já as filhas sentem que é equivocada a maneira como tratam suas mães. Três filhas casadas se consideram egoístas e reclamaram da dificuldade em ouvir as mães. Embora, seja uma atitude que desejam mudar e tenham consciência de que isto é ruim para a relação, esta situação é recorrente e gera culpa.

As filhas solteiras (duas participantes) comentaram que o equivoco ocorre quando as mães falam em situações que não foram solicitadas, dando opinião e conselhos. Pois muitas vezes, elas não as escutam e quando as mães estão certas, as filhas ficam com remorsos, mas não há uma conversa a respeito disto. Ou seja, as opiniões maternas muitas vezes geram sentimentos ambivalentes nas filhas. Além disto, as filhas solteiras percebem que as mães geralmente são alvos quando estão estressadas com alguma coisa e não consideram isto correto.

“A gente tinha mais contato, eu dependia mais dela, ficava mais junto dela e agora bem menos. A paciência eu tinha mais, hoje em dia, eu tenho bem menos. Eu saio do trabalho meio estressada, essas coisas assim, e eu levo isso para casa. Acho que pode ser isso, mas ela nem tem culpa, só vai escutando tudo. A gente acaba descontando em casa. Mulher com marido, mas, no meu caso é a mãe. Acho que eu faço isso. Uma coisa que é minha, porque ela continua paciente. Eu acho que a nossa relação mudou, mudou muito, entendeu? Por falta de paciência, discutir e brigar... De eu falar com ela de uma maneira às vezes arrogante. Eu até me arrependo, de chegar e falar” (I., filha solteira).

As filhas colocaram os acertos como uma responsabilidade materna e não souberam citar suas próprias ações, já os equívocos foram vistos como ações isoladas. Esses sentimentos de acertos ou equívocos dependem do impacto na relação entre mãe e filha adulta, assim como a percepção individual de cada uma,

pois elas não conversam sobre este tema. Talvez, este seja o grande equívoco: a dificuldade em expor o que incomoda.

A análise do relacionamento não é simples, pois dependemos da descrição das interações, do contexto em que as interações descritas ocorreram e o cenário atual, isto nos é dado de acordo com a percepção dos envolvidos sobre a relação, os sentimentos e como este relacionamento está inserido na configuração de vida de cada um dos participantes.

Os mesmos acontecimentos causam impressões diferentes para mãe e filha adulta. Esta variabilidade de imagem provoca divergências na maneira de conduzirem a relação entre elas. Diante disto, mesmo pontos convergentes podem causar desencontros e vice-versa. Mas de maneira geral, mãe e filha percebem a relação como positiva e a manutenção do laço entre elas, parece ser o objetivo principal.

## VII. DIMENSÕES DO RELACIONAMENTO

Os encontros e desencontros entre mãe e filha adulta são favorecidos de acordo com a configuração do relacionamento entre elas. Assim, a análise dos temas presentes nas entrevistas de mães e filhas possibilitou apresentar e discutir alguns dados associados a certas dimensões propostas por Hinde (1997) para a compreensão do relacionamento interpessoal. Estas dimensões são discutidas da perspectiva de como podem promover a aproximação ou o encontro entre mãe e filha adulta, por um lado, ou o afastamento ou o desencontro entre ambas. Os seguintes aspectos são discutidos: a) Similaridades e Diferenças; b) Reciprocidade e Complementaridade; c) Conflito Interpessoal; e, d) Auto-Revelação e Privacidade.

### 1. SIMILARIDADES E DIFERENÇAS

No desenvolvimento do relacionamento entre mãe e filha adulta, as semelhanças e diferenças entre mães e filhas promovem situações de encontros e desencontros. À medida que a filha cresce, mães e filhas encontram, no fato de serem ambas mulheres e adultas, pontos de similaridades que facilitam a identificação e compreensão entre elas; no caso das mães e as filhas casadas, estas compartilham também o *status* de serem casadas. Paralelamente, as filhas vão se tornando mais autônomas, apóiam-se em outras relações fora do ambiente materno e buscam a realização de interesses próprios. Assim, o relacionamento é

recheado com novos elementos que possibilitam a diferenciação entre mãe e filha.

A similaridade é importante para a manutenção da relação, pois aquilo que há em comum pode ser um mediador para os processos de comunicação, por exemplo. Além disto, atitudes similares confirmam aquilo que somos e pensamos, porém as diferenças são fatores de atração em um primeiro momento, mas podem interferir na manutenção do relacionamento em longo prazo (Hinde, 1997). Ou seja, as similaridades e diferenças interferem na maneira de se perceberem e como interagem. Além disto, as necessidades de mãe e filha adulta podem parecer similares, mas a intenção pode ser diferente.

Mesmo que compartilhem uma situação de igualdade, esta pode não ser percebida como similar. Os dados mostram que, embora a maioria das mães participantes esteja no mercado de trabalho, assim como suas filhas, o trabalho não é visto como um aspecto similar entre mãe e filha adulta. Elas até comentam sobre seus trabalhos, mas o relacionamento é analisado sob o ponto de vista doméstico. Entretanto, para as mães que não possuem vida profissional e suas filhas, esta é uma diferença que interfere negativamente na relação. A escolaridade de mães e filhas adultas apresenta o mesmo padrão da vida profissional.

Os relatos das mães de filhas casadas têm mais pontos em comum com as narrativas das filhas, como a tristeza com o processo de separação entre elas, a falta que sentem da presença uma da outra, um menor grau de dependência da filha e a preocupação com mudanças na relação em virtude do declínio da saúde por causa da idade.

As filhas casadas reconheceram a similaridade entre elas e suas mães, ressaltando ainda que o fato de estarem casadas, em suas próprias casas, permite a elas perceberem melhor e aceitarem as semelhanças com as mães. Ou seja, as filhas casadas consideraram a separação importante para valorizarem as semelhanças e reconhecerem em si mesmas atitudes parecidas entre elas e suas mães em situações similares. Além de compreenderem o comportamento materno por agora vivenciarem experiências como uma mulher adulta, por exemplo, e que antes não entendiam. Contudo, elas destacam que as similaridades presentes no relacionamento também podem ser fontes de conflitos porque, ao buscarem as mesmas coisas, elas podem “bater de frente”, como disse uma das filhas entrevistadas. Estar junto com as mães também proporciona a possibilidade de reconhecer, em si mesmas, comportamentos e traços de personalidade que não julgam positivos nas mães. Este espelhamento provoca um desejo de ser diferentes de suas mães.

As semelhanças são motivos de proximidade e orgulho, fazendo com que tenham dificuldades em perceber diferenças ou minimizem a interferência delas no relacionamento, no caso das mães de filhas casadas. Ao passo que, para suas filhas, as similaridades promovem uma compreensão mais precisa do relacionamento e facilitam a identificação. Mas, são as diferenças que permitem o contato e intermedeiam a convivência no relacionamento entre mãe e filha adulta.

No caso das mães e suas filhas solteiras, embora estas identifiquem similaridades, são as diferenças que parecem estar mais presentes, principalmente para as filhas, talvez porque ainda morem com suas mães e ainda busquem territórios próprios. No entanto, as mães de filhas solteiras desejam

manter a relação como está, as filhas solteiras estão voltadas para suas próprias vidas, o que dificulta a percepção de mães e filhas sobre a influência que cada uma tem sobre a vida da outra.

Para as mães de filhas solteiras, as diferenças entre elas não são problema, embora dificultem a comunicação, no sentido de que as mães desejam ser amigas de suas filhas, mas as filhas são muito reservadas. Isto é, as mães se descreveram como abertas ao diálogo, mas as filhas solteiras se consideraram mais reservadas e com uma necessidade maior do papel materno do que de uma amiga, exceto quanto ao fato das mães se preocuparem demais.

As similaridades e diferenças estão menos delimitadas na relação entre mães e filhas solteiras, ao mesmo tempo em que destacam as diferenças, as percepções sobre estas demonstram as similaridades de valores e expectativas em relação a outras pessoas.

De acordo com Fingerman (1995), as mães costumam ter dificuldades em perceber pontos que contradizem a imagem que elas possuem das filhas, por isto vêem mais comportamentos similares. Já as filhas adultas ressaltam aquilo que pode diferenciá-las de suas mães na busca de uma identidade própria.

O impacto das similaridades e diferenças no relacionamento entre mãe e filha parece estar associado ao impacto no comportamento de mutualidade. Quando mãe e filha adulta conseguem respeitar uma o espaço da outra e tratam a relação de maneira mais realista, sem esperar que a outra realize integralmente os seus sonhos, há possibilidade do encontro e a troca de interesses. Esta visão mais realista ajuda na superação das diferenças existentes no relacionamento (Shaw & Magnuson, 2004).

Parece que o segredo para a manutenção do relacionamento entre mãe e filha adulta está na valorização do laço afetivo, no reconhecimento das necessidades, limitações e expectativas próprias. Os dados mostram que isto permite a mães e filhas experimentarem as similaridades e diferenças como parte do relacionamento. À medida que mãe e filha adulta interagem, redimensionam a relação entre elas e comprometem-se com a construção de um relacionamento mais recíproco.

## **2. RECIPROCIDADE E COMPLEMENTARIDADE**

As transições presentes no dinamismo do relacionamento entre mãe e filha promovem a diversidade das interações que vão se adequando de acordo com o momento, o contexto, a percepção e os interesses das envolvidas. Assim, resumidamente, podemos ver o seguinte caminho na relação entre mãe e filha. No início, a relação é marcada pela hierarquia, pois a filha precisa dos cuidados maternos para se desenvolver. Segue-se um período de uma certa equivalência, quando mãe e filha compartilham certas propriedades em comum (como ambas serem adultas ou mães, entre outras). Finalmente, a mãe pode vir a precisar dos cuidados filiais invertendo a posição inicial.

A hierarquia promove a complementaridade nas interações, pois mãe e filha adicionam novos elementos ao relacionamento à medida que a filha torna-se adulta. Por outro lado, as interações podem promover a permuta entre elas, ocorrendo assim a reciprocidade. Segundo Falicov (1991), a reciprocidade entre mãe e filha é um sinal de proximidade emocional.

Segundo Elliacheff e Heinich (2004), a reciprocidade é fundamental para o vínculo entre mãe e filha e o fato de partilharem o mesmo sexo tende a favorecer este tipo de interação. Além de serem mulheres e adultas, as mães e as filhas casadas têm o casamento como outro aspecto semelhante em suas vidas. De acordo com os dados, estas mães e filhas apresentaram comportamentos mais recíprocos do que complementares. Elas demonstraram uma maior mutualidade no relacionamento, valorização do contato e interesses similares.

Contudo, nem sempre a similaridade de interesses gera reciprocidade, pois dependerá de vários fatores, como por exemplo, o conhecimento sobre determinado assunto. No aspecto de comunicação, o relacionamento entre mãe e filha adulta é marcado pela complementaridade, pois as mães e filhas casadas conversam sobre o casamento, mas a mãe assume mais o papel de orientadora em como a filha deve se comportar em relação ao marido. Além disto, as mães relataram que, muitas vezes, desabafam com as filhas casadas. Estas, contudo, preferem preservar sua vida íntima.

As mães de filhas solteiras, em muitos momentos, gostariam que suas filhas ainda fossem crianças, mantendo o relacionamento estanque. Parece que as mães de filhas solteiras associam mais a sua imagem com a da filha. Esta dependência quanto à identidade, juntamente com o desejo de proteção das mães em relação a suas filhas solteiras bloqueia a troca entre elas, limitando a reciprocidade e favorecendo a complementaridade.

A reciprocidade não pressupõe simultaneidade e nem proximidade física conforme os dados apresentados. Muitas vezes, esta proximidade parece reforçar a complementaridade, onde a cada momento, de acordo com o contexto e a

necessidade, como no caso das mães que procuram resolver assuntos cotidianos para as filhas, reforçando o papel materno como cuidadora. As filhas solteiras, contudo, também podem assumir este papel. Quando isto ocorre, todavia, como quando elas influenciam mudanças de hábitos maternos, é porque elas pensam saber o que é melhor para a mãe.

Os dados mostram que, quanto mais interações houver entre mãe e filha, onde elas se vejam como duas adultas e respeitem suas particularidades, há mais chances de reciprocidade entre elas.

As mudanças no conceito de família promoveram uma valorização da reciprocidade nas relações, isto é, da mutualidade como um fator de satisfação. De acordo com Neff e Harter (2003), este estilo é importante para o bem-estar psicológico do indivíduo adulto, inclusive nas relações parentais. Todavia, os relatos de mães e filhas adultas demonstraram que o relacionamento entre elas é resultante da organização de vários e diferentes aspectos, tais como: separação, influência, expectativas, cooperação, entre outros. Em alguns momentos demandam reciprocidade e em outros, ações complementares.

Através da incorporação de conhecimentos sobre o que é ser mãe, ser filha, mulher, adulto e sobre relacionamentos, sobre outras pessoas e a vida como um todo, mãe e filha adulta descobrem como podem conciliar suas particularidades e similaridades na busca de complementaridade ou reciprocidade.

Tanto a complementaridade quanto a reciprocidade podem promover o encontro no relacionamento entre mãe e filha adulta. Isto não ocorre, contudo, quando uma ou outra espera um comportamento diferente. De modo geral, as

mães e filhas participantes demonstraram que se conhecem bem. Em muitos aspectos, houve semelhanças de percepção quanto à relação e aprenderam a conviver com suas expectativas na tentativa de garantir a tranquilidade no relacionamento.

O desencontro ocorre quando elas não conseguem responder à necessidade do relacionamento adequadamente, ou seja, não há uma variação entre complementaridade e reciprocidade, de acordo com o contexto.

### **3. CONFLITO INTERPESSOAL**

A existência de conflito, em algum momento, é praticamente inevitável em relacionamentos íntimos (Hinde, 1997) como é o caso da relação entre mãe e filha adulta. A maneira como o relacionamento é percebido, assim como as expectativas que mães e filhas adultas têm sobre proximidade e independência podem provocar conflitos no relacionamento entre elas. A própria interpretação que cada uma atribui a seu papel de mãe ou filha também pode gerar conflito. Isto, muitas vezes, torna o comportamento do outro insuportável e se instala uma incompatibilidade, ainda que temporária, que pode gerar o desencontro entre mãe e filha.

O conflito não é necessariamente ruim para o relacionamento interpessoal, criando oportunidades para reorganizar a relação e conhecer melhor o outro, com a reelaboração de percepções e expectativas. Isto facilita a negociação e o reencontro quando ocorre a resolução dos problemas existentes na relação.

Nem sempre a maneira como mãe e filha resolvem um conflito está clara para elas. As mães à medida que falavam sobre o cotidiano do relacionamento com suas filhas, apontaram que a estratégia utilizada busca minimizar a relevância dos problemas. Portanto, as mães minimizaram o impacto do conflito interpessoal no relacionamento considerando que isto é “coisa de momento” devido às atribuições da vida e não tem a ver com o dia-a-dia da relação. Por isto, relatam não guardar mágoas ou ressentimentos. Apesar disso, a literatura tem indicado que situações mal resolvidas nos relacionamentos geram sentimentos de ressentimentos e raiva que interferem nas interações (Hinde, 1997).

Quando não é possível atenuar o problema, as mães buscam individualmente entender o porquê da situação de conflito, mas não sabem se as filhas fazem o mesmo, pois não conversam sobre o assunto. Pois não gostam de fazer as filhas sofrerem ou se fecharem ainda mais. De acordo com as mães, as filhas não replicam se houver atrito.

Em sociedades consideradas coletivas, alguns estudos apontaram o mesmo, ou seja, mães e filhas apresentam desentendimentos eventuais, mas geralmente por um tempo breve devido à importância que elas dão ao relacionamento (Gilani, 1999). De fato, quando os filhos se tornam adultos, as relações de mútua confiança e afeição estão mais presentes do que as situações de conflito no relacionamento com os pais (Schutze, 1996). Em ambos os casos, todavia, o mais importante parece ser manter a relação, seja através da minimização dos problemas (por parte das mães), seja evitando os desentendimentos.

As filhas preferem ignorar uma situação em vez de transformá-la em um problema, pois acreditam que o conflito não se resolverá por não conversarem sobre os motivos que acarretam as discussões. Segundo elas, o melhor para os conflitos é sair da situação, pedir desculpas e agir como se nada tivesse acontecido. Isto é mais fácil para as filhas casadas, por causa da distância física.

Mãe e filha apresentam dificuldade para expor problemas de relacionamento entre elas. Além dos conflitos interpessoais, a relação mãe-filha também gera conflitos intrapessoais (Chodorow, 1978; Fingerman, 1996; Kabat, 1997; Eliacheff & Heinch, 2004).

Quanto mais mãe e filha compartilham do mesmo mundo feminino e vivenciam suas particularidades, a relação entre elas tende a ser menos conflituosa (Mottram & Hortaçsu, 2005). O processo de desenvolvimento da autonomia da filha, por exemplo, pode provocar alguns desencontros, mas as mães e filhas adultas participantes mostraram estar voltadas para o bem-estar da relação como um todo, em detrimento de questões pessoais. Assim, mãe e filha adulta, em um acordo não-verbal, preservam o relacionamento delimitando os caminhos que a relação pode percorrer e evitam explicitar as situações de conflito interpessoal.

#### **4. AUTO-REVELAÇÃO E PRIVACIDADE**

As mães e as filhas participantes se mostraram comprometidas com a relação, o que pode ser percebido pelas estratégias descritas para manter o relacionamento. Apesar de sua proximidade e dos contatos freqüentes, não

significa, necessariamente, que haja intimidade no sentido de se abrirem ou se revelarem uma para a outra. Auto-revelação está diretamente associada com a privacidade, que indica a disposição para revelar conteúdos particulares. Usualmente mãe e filha revelam-se através da conversação, o que depende diretamente da vontade não somente para expor idéias e sentimentos próprios, assim como da extensão e da forma de revelar esses conteúdos.

A voluntariedade de revelar-se ao outro é, em parte pessoal, em virtude da escolha e da privacidade, mas também depende para quem se está revelando e do contexto cultural. Tanto relacionamentos breves quanto os duradouros demandam a alternância entre auto-revelação e privacidade (Hinde, 1997).

Como já discutido, o respeito pelas diferenças e similaridades presentes no relacionamento entre mãe e filha adulta é fundamental para a sua manutenção. Assim, a percepção das mães e filhas sobre a relação, bem como as expectativas sobre os seus papéis, parecem interferir no senso do que é apropriado revelar ou não. De modo geral, o diálogo refere-se à acontecimentos externos ao relacionamento, contudo é uma referência sobre como elas reagiriam se aquela situação fosse vivenciada por elas.

As mães consideraram seu relacionamento com as filhas aberto, relatando terem sempre mostrado para elas o que pensam sobre os mais variados assuntos, não havendo segredos na relação. Em decorrência disto, as mães não costumam pedir desculpas a suas filhas quando há algum desentendimento. Como consideram que sua posição é claramente manifesta, não há a necessidade de se desculparem, uma vez que seus atos já estão justificados. As filhas, por sua vez, são mais reservadas, podendo, por vezes, surpreender

negativamente as mães ao se manifestarem sobre pontos até então não revelados.

Conforme o relato materno, elas respeitam as filhas, mas gostariam que elas se revelassem mais, pois acham que não faz bem para as filhas serem tão fechadas. Ou seja, as mães não entendem o silêncio como um direito à privacidade, mas como um aspecto da personalidade que, de preferência, as filhas deveriam mudar.

Para as mães, o relacionamento com as filhas é de natureza privada, especialmente em relação à participação da figura paterna. Isto é algo que as filhas também consideram como uma particularidade da relação. Este aspecto caracteriza a relação entre mãe e filha com algo especial, inexistente em outros relacionamentos interpessoais. Face a características como estas, alguns autores (e.g., Falicov, 1991) chegam a considerar o relacionamento entre mãe e filha como o mais importante dentro da estrutura familiar.

As filhas valorizam o contato com as mães, porém preocupam-se com a sua privacidade e a das mães. Consideram que há assuntos que não são, e nem deveriam ser, parte do relacionamento, como os aspectos mais pessoais de suas vidas, por exemplo, a sexualidade. Constrangem-se quando as mães, de alguma maneira, ultrapassam esta barreira. As mães também reconhecem que há temas sobre os quais não conversam e gostariam que fosse diferente.

De modo geral, a auto-revelação no relacionamento entre mãe e filha adulta parece ser superficial. Mães e filhas parecem dispor somente de algumas idéias sobre o que se passa no íntimo da outra. Os medos e os sonhos, por

exemplo, mantêm-se como algo privado. Isto, contudo, não representa, necessariamente, motivo de desencontro entre elas.

Compreender o relacionamento interpessoal é mais do que comentar ou descrever interações. A análise de uma relação deve integrar o comportamento, as emoções e as expectativas dos participantes mostrando como a integração destes fatores pode promover situações de encontros e desencontros.

Em uma relação próxima e de longa duração, como o caso de mãe e filha, vemos que as dimensões do relacionamento são importantes para as definições do ser de cada uma e sobre a vida. Diante disto, percebemos que, apesar dos desencontros que descrevemos, mães e filhas valorizam o relacionamento. Elas estão comprometidas com a relação, de acordo com a seguinte definição de comprometimento: “costuma estar associado a situações onde um dos participantes ou ambos direcionam seus comportamentos para assegurar a continuidade ou otimização das propriedades do relacionamento” (Hinde, 1997, p.276).

Neste sentido, observamos que promover o encontro é uma escolha de mães e filha adultas e que isto exige um trabalho contínuo de integração das diferenças e similaridades, superação de conflitos, ações complementares e recíprocas para criar um espaço onde elas possam se revelar, mas também preservar suas vidas.

## VIII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relacionar-se é mais do que o comportamento de interação. Há atitudes, esperanças, expectativas, medos, ou seja, emoções inseridas que geram compromissos, muitas vezes não expressos, influenciando a qualidade da relação. Uma imagem simplificada dos relacionamentos tende a ser ilusória, tanto para o bem quanto para o mal, e faz com que naturalizemos a maneira de nos relacionarmos conosco mesmo e com os outros, ainda mais quando se refere a laços duradouros.

A presença destes laços nos fornece um sentimento de segurança que nos permite explorar o mundo além da relação ou pode nos tornar dependentes deste outro e do significado que ele dá à nossa vida. Este processo parece ser a base do relacionamento entre mãe e filha, mesmo quando ambas são mulheres adultas. O relacionamento entre mãe e filha influencia no desenvolvimento adulto de diferentes e significantes maneiras, assunto pouco explorado, como, se ao chegar à vida adulta, houvesse uma estabilização e não houvesse mais espaço para o desenvolvimento humano.

As mães e filhas adultas entrevistadas são próximas, ou melhor, buscam estar juntas mesmo que isto venha acompanhado de situações de conflito, autocondenação e expectativas não cumpridas. A relação funciona como um espelho que não se pode deixar de mirar, pois dele vem a referência para a rede de relacionamentos que fazem parte e para suas conquistas. Isto cria um paradoxo, pois, muitas vezes, as filhas desejam se distanciar da semelhança que há entre elas e suas mães, ao mesmo tempo em que não conseguem estar longe,

além disto as semelhanças para as mães são motivo de orgulho e, para as filhas, nem sempre. Talvez devido ao senso crítico estar mais presente nas filhas, elas observam mais as dificuldades e problemas maternos, buscando não repeti-los. Olhar para trás, de filha para mãe, parece ser mais fácil do que a visão projetiva da mãe para a filha. As similaridades entre elas criam um senso de continuidade e de melhoria daquilo que se é no caso das mães.

A similaridade em um relacionamento indica a presença de formas semelhantes de comportamento ou pensamento por parte dos participantes. Isto pode facilitar a comunicação, por exemplo, mas também pode provocar conflitos, justamente por serem iguais. Estes pequenos atritos, embora minimizados por elas, parece ser promotor de mágoas e ressentimentos. Além disto, os conflitos produzidos pelas similaridades são mais difíceis de serem resolvidos do que os decorrentes das diferenças, pois ambas estão muito envolvidas com o problema e não conseguem analisá-lo sem serem tendenciosas. Pois o que para uma pode ser algo positivo ou uma qualidade, para a outra pode ser negativo ou um aspecto crítico.

As diferenças podem ser um fator atrativo e possibilitarem o encontro quando cada um vê no outro a complementaridade de suas necessidades, como também pode dificultar a convivência. De maneira geral, as mães e as filhas participantes quando não identificaram as similaridades entre elas, apresentaram as diferenças como uma maneira de completar aquilo que percebem como falta na personalidade da outra.

De acordo com Hinde (1997), nas relações onde estão presentes atitudes similares, há mais estabilidade devido a crenças positivas sobre si mesmo e sobre

a relação. Mas a incompatibilidade não é resultado direto das diferenças e sim de como os envolvidos na relação vivenciam as semelhanças e diferenças entre eles.

Há uma estimulação cultural dos laços familiares, assim sendo, as dificuldades são superadas visando à manutenção da relação. Isto vem acompanhado de cobranças internas por nem sempre elas se comportarem tão bem uma com a outra, principalmente no caso das filhas, que querem atender às expectativas maternas e da sociedade.

Diante deste contexto cultural, a função de cuidadora é reforçada entre elas, onde as mães buscam fazer o melhor que podem pelas filhas facilitando suas vidas e as filhas evitam preocupar suas mães. Isto promove a convivência de sentimentos positivos e negativos ao mesmo tempo em que não são partilhados entre elas em virtude deste cuidado que uma tem com a outra. Neste sentido, mãe e filha adulta se encontram pela maneira com que conduzem a relação, mas também se desencontram por não fazerem dos momentos de conflitos uma oportunidade de mudanças naquilo que não as satisfazem.

Em relacionamento, o conflito é uma situação praticamente inevitável, pois nem sempre é possível concordar com o outro em todos os acontecimentos. Todavia, muitas vezes, em defesa da relação, não se tem consciência do conflito, ou seja, são estabelecidas táticas para evitar sua manifestação. Estes mecanismos de defesa que impedem que o conflito seja percebido como tal e atrapalham a “cooperatividade” entre mãe e filha adulta. A não manifestação das dificuldades de convivência entre elas também dificulta o estabelecimento dos aspectos divergentes da relação.

O aparecimento do conflito nem sempre é ruim para um relacionamento se for tratado como uma fonte de oportunidades de mudanças na relação. Mas mãe e filha não demonstraram interesse em resolver seus problemas, desvalorizando as conseqüências sobre a relação entre elas. A busca da manutenção do relacionamento engana a percepção delas sobre suas dificuldades? Além disto, as estratégias de continuidade da relação já são conhecidas e elas se consideraram satisfeitas com o relacionamento, mesmo reconhecendo a necessidade de alguns ajustes.

As mães, por exemplo, reclamam dos limites da comunicação e da proximidade entre elas. Estes limites variam de acordo com as filhas; mas será que “saber tudo” é saudável para a relação? Isto faz com que o relacionamento seja mais satisfatório? A relação entre mãe e filha é marcada pela união, mesmo na obscuridade sobre alguns pensamentos, sentimentos e comportamentos entre elas. Ou seja, as pessoas podem sentir-se próximas sem compartilharem confidências. Pois a dialética entre a auto-revelação e privacidade está associada a quanto cada participante deseja revelar ao outro.

A alternância entre momentos de auto-revelação e privacidade parece ser importante para satisfação em relacionamentos próximos, como é o caso, de mãe e filha adulta, pois clareia os limites da relação. Isto possibilita um equilíbrio de recursos, que pode ser simultânea ou não. A reciprocidade nas relações somente é possível entre pares que se esforcem em respeitar o espaço do outro. Então, as mães precisam ser mais diretas em suas necessidades e não oferecerem opiniões ou sugestões que não foram solicitados. Por outro lado, as filhas devem evitar que suas mães sejam alvos de suas frustrações. Além de evitar que a

reserva delas atrapalhe a comunicação do quanto valorizam a relacionamento e a cooperação uma da outra.

Uma relação é considerada recíproca quando há uma troca de investimentos de maneira equilibrada. Mas, em alguns momentos, entre mães e filhas, elas interagem buscando completar aquilo que falta no outro criando um novo ponto de apoio. Estes movimentos de reciprocidade e complementaridade são importantes para delimitar a dinâmica do relacionamento e irá depender do contexto que mãe e filha estão, assim como a participação dos outros agentes sociais como: o pai, os irmãos e o genro, por exemplos.

O estado civil da filha adulta (solteira ou casada) não muda a dinâmica dialética subjacente ao relacionamento, mas interfere modulando novas propriedades. Assim, ao mesmo tempo em que afasta mãe e filha (que assume uma nova posição social), o compartilhar da condição de casada com a mãe resulta em uma nova similaridade e novas possibilidades de relacionamento. Assim como a presença da filha solteira em casa carrega outras possibilidades de interação. A compatibilidade de interesses entre elas facilita a relação; como nas estratégias de desvalorizar a ambivalência de sentimentos presentes no relacionamento entre mãe e filha adulta. Estas regras direcionam a percepção e a maneira delas interagirem.

A interação sob o ponto de vista materno é marcada pela supervalorização do relacionamento, acompanhado pela infantilização das filhas ou delas mesmas, pois as mães têm dificuldade em lidar com a autonomia das filhas e descobrir uma identidade além do papel de mãe. No máximo, concebem a idéia de assumir o papel de avó. Mas valorizam pouco a própria feminilidade e as filhas como

mulheres, estranhando a dificuldade em conversarem mais livremente sobre assuntos íntimos. Algumas mães nem se identificam com suas filhas, mas realizam-se através delas em suas conquistas profissionais. Assim, sentem muito orgulho de si mesmas pela criação das filhas e esperam delas os agradecimentos através das cobranças cotidianas.

Já as filhas sentem que sempre estão fazendo menos pelas mães do que deveriam. Na busca de seus próprios interesses, se preocupam sobre a opinião materna e em não preocupá-las. Acham que devem ser mais afetivas, mas não sabem como fazê-lo e muitas vezes, por falta de tempo. A presença das mães as fragilizam, mas também têm dificuldade com sua ausência e esperam, que ao se tornarem mães, possam resolver as questões não-resolvidas entre elas. Para as filhas casadas, o casamento propicia uma mudança na compreensão entre elas para melhor.

Observamos que mãe e filha adulta são unidas, embora a separação emocional pareça ser fundamental para a resignificação do relacionamento e para uma maior empatia entre elas. Em comum, elas têm o desejo de estar sempre juntas, mesmo que, em alguns momentos, a distância aumente. Estes momentos ajudam a valorizar o relacionamento e a investir na manutenção do mesmo. Conseqüentemente, minimizam os aspectos que podem interferir na continuidade deste laço. Como não questionamos o grau de obrigatoriedade social presente no senso de continuidade da relação, a influência desta questão permanece em aberto.

Embora não seja possível uma prescrição de como se relacionar, devido a complexidade que envolve uma série de fatores interpessoais, intrapessoais,

sociais e culturais. Procuramos demonstrar alguns destes fatores e como eles interagem entre si no relacionamento entre mãe e filha adulta. Ao respeitarem este momento de ambas serem mulheres, adultas, sem necessidades de cuidados especiais (problemas de saúde), com suas particularidades e também mãe e filha, maior é a chance de comportamentos mútuos que conciliem os aspectos convergentes e divergentes do relacionamento. E achar a maneira de fazer isto está no próprio desenvolvimento da relação e em sua continuidade. Talvez, respeitar esta dinâmica seja o segredo para a satisfação no relacionamento. Se assim for, as mães e filhas entrevistadas, em sua maioria, parecem estar no caminho.

## IX. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendell, T. (2000) Mothering and motherhood: A decade review. *Journal of Marriage and The family*, Special Issue: Decade reviews, 1-66.
- Badinter, E. (1985) *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (1977) *Análise de conteúdo*. Portugal: Edições 70.
- Barnett, R. C., Kibria, G., Baruch, G. K., & Pleck, J. H. (1991) Adult daughter-parent relationships and their associations with daughters' subjective well-being and psychological distress. *Journal of Marriage and the Family*, 53(1), 30-42.
- Baruch, G., & Barnett, R. C. (1983) Adult daughter's relationships with their mothers. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 601-606.
- Bassoff, E. (1990) *Mães e filhas: a arte de crescer e aprender a ser mulher*. São Paulo: Saraiva.
- Bell, S. E. (2004) Intensive performances of mothering: a sociological perspective. *Qualitative Research*, 4(1), 45-75.
- Bengston, V. L. (2001) Beyond the nuclear family: The increasing importance of multigenerational bonds. *Journal of Marriage and Family*, 63, 1-16.
- Bengston, V. L. et al. (2002) Solidarity, conflict and ambivalence: Complementary or competing perspectives on intergenerational relationships? *Journal of Marriage and the Family*, 64, 568-576.
- Benincá, C.R.S. & Gomes, W.B. (1998) Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 177-205.
- Beyers, W. & Goosens, L. (1999) Emotional autonomy, psychosocial adjustment and parenting: Interactions, moderating and mediating effects. *Journal of Adolescence*, 22, 753-769.
- Boyd, C. J. (1989) Mothers and daughters: A discussion of theory and research. *Journal of Marriage and the Family*, 51, 291-301.
- Bowlby, J. (1984) *Apego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1989) *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Carlson, K. (1993) *À sua imagem: analisando a relação mãe-filha*. São Paulo: Saraiva.
- Cerveney, C. M. O. et al. (1997) *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Charles, M.; Frank, S.; Jacobson, S. & Grossman, G. (2001) Repetition of the remembered past: Patterns of separation-individuation in two generations of mothers and daughters. *Psychoanalytic Psychology*, 18(4), 705-728.
- Chodorow, N. (1979). Estrutura familiar e personalidade feminina. In: Rosaldo, M.Z. & Lamphere, L. *A mulher, a cultura e a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Chodorow, N. (2002). *Psicanálise da maternidade: Uma crítica a Freud a partir da mulher*. 2ªed. Rio de Janeiro: Record / Rosa dos Tempos.
- Cicirelli, V. (1993) Mother's and daughter's paternalism beliefs and caregiving decision making. *Research on Aging*, 25(1), 3-21.
- Cicirelli, V. (2003) Attachment and obligation as daughters' motives for caregiving behavior and subsequent effect on subjective burden. *Psychology and Aging*, 8(2), 144-155.
- Connidis, I. A. & McMullin, J. A. (2002). Sociological ambivalence and family ties: a critical perspective. *Journal of Marriage and Family*, 64, 558-567.
- Cotten-Huston, A. & Johnson, D. (1998) Daughters and mothers: Age differences in relationship descriptions and communicative desires. *Journal of Adult Development*, 5(2), 117-123.
- Datta, P.; Poortinga, Y. H. & Marcoen, A. (2003) Parent care by Indian and Belgian caregivers in their roles of daughter/daughter-in-law. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 34, 736-749.
- Dewit, D. J., Wister, A. V., & Burch, T. K. (1988) Physical distance and social contact between elders and their adult children. *Research and Aging*, 10(1), 56-80.
- Dias, A. C. G. & Lopes, R. C. S. (2003) Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. *Psicologia em Estudo*, 8, 63-73.
- Donorfio, L.M., & Sheehan, N.W. (2001) Relationships dynamics between aging mothers and caregiving daughters: Filial expectations and responsibilities. *Journal of Adult Development*, 8(1), 39-49.
- Einchenbaum, L. & Orbach, S. (1983). *Understanding women*. NY: Basic Books.
- Eliacheff, C., & Heinch, N. (2004) *Mães-filhas: uma relação a três*. São Paulo: Martins Fontes.

- Falicov, C. J. (1991) *Family transitions continuity and change over the life cycle*. NY: Guilford Press.
- Fingerman, K. L. (1995) Aging mothers' and their adult daughters' perceptions of conflict behaviors. *Psychology and Aging*, 10(4), 639-649.
- Fingerman, K. L. (1996) Sources of tension in the aging mother and adult daughter relationship. *Psychology and Aging*, 11(4), 591-606.
- Fingerman, K. L. (2001) A distant closeness: Intimacy between parents and their children in later life. *Generations*, 25, 26-33.
- Fischer, L. R. (1981) Transitions in the mother-daughter relationship. *Journal of Marriage and the Family*, 43, 613-622.
- Frank, S., Avery, C. B. & Laman, M. S. (1988) Young adults' perceptions of their relationships with their parents: Individual differences in connectedness, competence, and emotional autonomy. *Developmental Psychology*, 24(5), 729-737.
- Gilani, N.P. (1999) Conflict management of mothers and daughters belonging to individualistic and collectivistic cultural backgrounds: A comparative study. *Journal of Adolescence*, 22, 853-865.
- Hinde, R. A. (1997) *Relationships: A dialectical perspective*. UK: Psychology Press Publishers
- Hollis-Sawyer, L. A. (2003) Mother-daughter eldercare and changing relationships: A path-analytic investigation of factors underlying positive, adaptive relationships. *Journal of Adult Development*, 10(1), 41-52.
- Jovchelovitch, S., & Bauer, M.W. (2002) Entrevista Narrativa. In Bauer, M.W., & Gaskell, G. (ed.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 90-113), RJ: Vozes.
- Kabat, R. (1998) The conjoint session as a tool for the resolution of separation-individuation in the adult mother-daughter relationship. *Clinical Social Work Journal*, 26(1), 73-88.
- Kagiticbasi, G. (2005) Autonomy and relatedness in cultural context. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 36 (4), 403-422.
- Khair, E. M. (2003). *The culture and construction of mother-daughter affective solidarity in diverse dyads*. Dissertação, College of Arts and Sciences Georgia State University, Georgia, EUA.
- Krappmann, L. (1996). The development of diverse social relationships in the social world of childhood. In Auhagen, A. E., & Salisch, M.V. (ed.), *The diversity of human relationships* (pp. 36-58), Cambridge Press.

- Lang, A. M., & Brody, E. M. (1983). Characteristics of middle aged daughters and help to their elderly mothers. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 193-202.
- Lawton, L.; Silverstein, M. & Bengston, V. (1994) Affection, social contact, and geographic distance between adult children and their parents. *Journal of Marriage and the Family*, 56, 57-68.
- Li, L. W. & Seltzer, M. M. (2003) Parent care, intergenerational relationship quality, and mental health of adult daughters. *Research on Aging*, 25(5), 484-504.
- Lefkowitz, E.S. & Fingerman, K.L. (2003). Positive and Negative Emotional Feelings and Behaviors in Mother-Daughter Ties in Late Life. *Journal of Family Psychology*, 17(4), 607-617.
- Luescher, K. & Pillemer, K. (1998). Intergenerational ambivalence: A new approach to the study of parent-child relations in later life. *Journal of Marriage and the Family*, 60(2), 413-425.
- McNab, S. & Kavner, E. (2001) When it all goes wrong – challenge to mother blame: Forging connections between mother and daughter. *Journal of Family Therapy*, 23, 189-207.
- Mancini, J. A. & Blieszner, R. (1989). Aging parents and adult children: Research themes in intergenerational relations. *Journal of Marriage and the Family*, 51, 275-290.
- Martini, T. S.; Grusec, J. E. & Bernardini, S. C. (2001). Effects of interpersonal control, perspective taking, and attributions on older mothers' and adult daughters' satisfaction with helping relationships. *Journal of Family Psychology*, 15(4), 688-705.
- McNab, S. & Kavner, E. (2001). When it all goes wrong – Challenge to mother blame: Forging connections between mother and daughter. *Journal of Family Therapy*, 23, 189-207.
- Mens-verhulst, J. V. (1995) Reinventing the mother-daughter relationship. *American Journal of Psychotherapy*, 49, 526-539.
- Monteiro, D. M. R. (1998) *Mulher: feminino plural: mitologia, história e psicanálise*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos.
- Moradi, B.; Subich, L.M. & Phillips. J. C. (2002) Revisiting feminist identity development theory, research, and practice. *The Counseling Psychologist*, 30(1), 6-43.
- Morgan, M. & Hummert, M.L. (2000) Perceptions of communicative control strategies in mother-daughter dyads across the life span. *Journal of Communication*, 48-62.

- Mottram, S. A. & Hortaçsu, N. (2005) Adult daughter aging mother relationship over the life cycle: The Turkish case. *Journal of Aging Studies*, 19, 471-488.
- Muraro, R. M. & Boff, L. (2002) *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Neff, K. D. & Harter, S. (2003) Relationship styles of self-focused autonomy, other-focused connectedness, and mutuality across multiple relationship contexts. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20(1), 81-99.
- Obegi, J. H.; Morrison, T. L. & Shaver, P. R. (2004) Exploring intergenerational transmission of attachment style in young female adults and their mothers. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21(5), 625-638.
- O'Connor, P. (1990) The adult mother/daughter relationship: A uniquely and universally close relationship? *Sociological Review*, 38, 293-323.
- Ogle, J. P. & Damhorst, M. L. (2003) Mothers and daughters: Interpersonal approaches to body and dieting. *Journal of Family Issues*, 24(4), 448-487.
- Petrocelli, J. V.; Calhoun, G. B. & Glaser, B. A. (2003) The role of general family functioning in the quality of mother-daughter relationship of female african american juvenile offenders. *Journal of Black Psychology*, 25, 3-21.
- Pillemer, K. & Suitor, J. (2002) Explaining mothers' ambivalence toward their adult children. *Journal of Marriage and the Family*, 64(3). 602-613.
- Rastogi, M. (2002) The mother-adult daughter questionnaire (MAD): Developing a culturally sensitive instrument. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 10(2), 145-155.
- Ross, L. & Spinner, B. (2001) General and specific attachment representations in adulthood: Is there a relationship?. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18(6), 747-766.
- Russell, A. & Saebel, J. (1997) Mother-son, mother-daughter, father-son, and father-daughter: Are they distinct relationships?. *Developmental Review*, 17, 111-147.
- Sandi Holzgraefe, B. S. (2003) *Side by side: Reinventing mother/daughter relationships*. Dissertação, Department of Radio, Television and Film, University of North Texas, Texas, EUA.
- Scharlach, A. E. (1987a) Relieving feelings of strain among women with elderly mothers. *Psychology and Aging*, 2(1), 9-13.
- Scharlach, A. E. (1987b) Role strain in mother-daughter relationships in later life. *The Gerontological Society of America*, 27(5), 627-631.

- Shaw, H. E. & Magnuson, S. (2004) Gaps and reconnections in the mother-adult child relationship. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 12(2), 194-198.
- Schmitt, M. (2000) Mother-daughter attachment and family cohesion: Single-and multi-construct latent state-trait models of current and retrospective perceptions. *European Journal of Psychological Assessment*, 16(2), 115-124.
- Sholomskas, D., & Axelrod, R. (1986) The influence of mother-daughter relationships on women's sense of self and current role choices. *Psychology of Women Quarterly*, 10, 171-182.
- Schutze, Y. (1996) Relationships between adult children and their parents. In Auhagen, A. E., & Salisch, M.V. (ed.), *The diversity of human relationships* (pp. 106-119), Cambridge Press.
- Shaw, H. E. & Magnuson, S. (2004) Gaps and reconnections in the mother-adult child relationship. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 12(2), 194-198.
- Smith, L. M.; Mullis, R. L.; Hill, E.W. (1995) Identity strivings within the mother-daughter relationship. *Psychological-Reports*, 76(2), 495-503.
- Spitze, G. & Gallant, M.P. (2004) The bitter with the sweet: Older adults' strategies of handling ambivalence in relations with their adult children. *Research on Aging*, 26(4), 387-412.
- Stein, C. H. (1993) Felt obligation in adult family relationships. In Duck, S. (ed.), *Social context and relationships* (pp. 78-99), California: Sage Publications.
- Suitor, J. J. (1987) Mother-daughter relations when married daughters return to school: Effects of status similarity. *Journal of Marriage and the Family*, 49, 435-444.
- Suitor, J. J. & Pillemer, K. (2000) Did mom really love you best? Developmental histories, status transitions, and parental favoritism in later life families. *Motivations and Emotion*, 24(2), 105-120.
- Thompson, L., & Walker, A. J. (1984). Mothers and daughters: Aid patterns and attachment. *Journal of Marriage and the Family*, 46, 313-322.
- Trees, A. (2002) The influence of relational context of support processes: Points of difference and similarity between young adult sons and daughters in problem talk with mothers. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19(5), 703-722.
- Umberson, D. (1992) Relationships between adult children and their parents: Psychological consequences for both generations. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 664-674.

- Usita, P. M. (1997). *Mother-daughter relationships in a minority context*. Dissertação, Department of Family and Child Development, Virgínia Polytechnic Institute and State University, Virginia, EUA.
- Walker, A. J., & Thompson, L. (1983) Intimacy and intergenerational aid and contact among mothers and daughters. *Journal of Marriage and the Family*, 45, 841-849.
- Walker, A. J., Thompson, L., & Morgan, C. S. (1987) Two generations of mothers and daughters: Role position and interdependence. *Psychology of Women Quarterly*, 11, 195-208.
- Walker, A. J., & Allen, K. R. (1991) Relationships between caregiving daughters and their elderly mothers. *The Gerontological Society of America*, 31(3), 389-396.
- Walters, M. et al. (1991) *The invisible web: gender patterns in family relationships*. NY: Guilford Press.
- Welsh, W. M., & Stewart, A. J. (1995) Relationships between women and their parents: Implications for midlife well-being. *Psychology and Aging*, 10(2), 181-190.
- Williams, A. & Nussbaum, J. F. (1999) *Intergenerational communication across lifespan*. NJ: LEA – Lawrence Erlbaum Associates.
- Yoo, G. (2004) Attachment relationships between Korean young adult daughters and their mothers. *Journal of Comparative Families Studies*, 35(1), 21-32.
- Zalberg, M. (2003). *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus.

## APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

### Histórico e Família

- Quais são os momentos mais marcantes da relação entre mãe e filha na infância? Na adolescência?
- Como é constituída a família?
- Como os demais familiares percebem a relação de vocês? Qual a influência da família no relacionamento?
- A questão de gênero, ambas mulheres, influencia na relação? Há diferenças desta relação para a relação com seus outros filhos/irmãos?
- O futuro, como será para a relação?
- Há alguma coisa que gostaria de mudar no RMF? O que?

### Atividades

- Como funcionam os encontros/visitas (quem visita)? Frequência? Telefonemas?
- O que costumam fazer juntas?
- Você se sente satisfeita com o tempo que passam juntas?

### A comunicação e conflito

- Sobre o que costumam conversar?
- Que assunto é proibido ou não é conversado na relação de vocês?
- Você busca conselhos/sugestões com sua mãe-filha?
- Há troca de segredos entre vocês? Você tem algum segredo para com ela?
- Quais as dificuldades que você percebe no relacionamento de vocês?
- Como é administrado o conflito?

### Influência e Ajuda

- A maneira que sua mãe-filha pensa a influencia? Como?
- Quanta influência você considera que tem na vida de sua mãe-filha?
- Vocês se ajudam? Em que situação? Qual a natureza desta ajuda?
- O que aprenderam uma com a outra

### A percepção do outro e do relacionamento

- O lado positivo do relacionamento e o lado negativo?
- Você percebe mudanças no RMF? Quais?
- No que você se parece com sua mãe-filha? Quais gostos têm em comum?
- No que você se diferencia de sua mãe-filha? Que gostos são diferentes?
- O que as une? O que as afasta?

## APÊNDICE B - Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa

**Título da Pesquisa:** Relatos de mães, relatos de filhas: O relacionamento na vida adulta

**Pesquisadora:** Kirlla Cristhine Almeida Dornelas

**Orientador:** Prof. Dr. Agnaldo Garcia

**Instituição:** UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

**Objetivo da Pesquisa:** Investigar diversos aspectos das relações entre mãe e filha adulta.

**Descrição do Procedimento:** Será realizada uma entrevista individual com cada participante, sobre diversos aspectos do relacionamento entre mãe e filha. As entrevistas individuais serão gravadas e posteriormente transcritas.

**Benefícios:** A pesquisa visa obter informações sobre as relações entre mães e filhas adultas, permitindo um maior conhecimento sobre essas relações visando a melhoria de qualidade de vida dos participantes.

**Análise de riscos e sigilo:** Todo o procedimento de pesquisa descrito obedecerá rigorosamente aos critérios éticos estabelecidos pela legislação que regulamenta pesquisa com seres humanos. As entrevistas individuais seguirão técnica cientificamente reconhecida e serão realizadas em ambiente acordados com os participantes. Serão preservados o sigilo das informações e a identidade dos participantes, sendo que os registros serão arquivados em local sigiloso por um período de 5 anos e as informações poderão ser utilizados para fins exclusivamente científicos e divulgação em congressos e publicações científicas, resguardando-se sempre o anonimato dos participantes. O participante (ou seu responsável) terá a liberdade de interromper ou desistir de sua participação em qualquer fase da pesquisa. Dúvidas, informações suplementares e esclarecimentos serão fornecidos a qualquer momento aos participantes ou seus responsáveis pelo pesquisador. A previsão do período para os procedimentos descritos é de março a junho de 2005.

### Identificação do participante:

Nome: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Órgão Emissor: \_\_\_\_\_

**Estando de acordo, assinam o presente termo de consentimento em 02 (duas) vias.**

\_\_\_\_\_  
Participante

\_\_\_\_\_  
Kirlla Cristhine A. Dornelas - pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Agnaldo Garcia - Orientador

Vitória/ES, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2005